

ARQUITECTURA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO 1998



centro
de
documentação

RE (ARQ)

71

RECARQ) - 71

FACULDADE DE ARQUITECTURA
05993
(Centro de Documentação)

ARQUITECTURA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO 1998

Realizado entre 1 de Março e 15 de Agosto
Gabinete: Alpiou - Arquitectura, Informática e Design, Lda

ESTAGIÁRIO
RUI DE ALMEIDA LUIS

ORIENTADOR
CARLOS FERNANDO VIEIRA DE BRITO



INTRODUÇÃO

Considerando a prática projectual como actividade preponderante na formação do arquitecto e do reflexo que a sua melhor contribuição ao exercício da profissão poderá ter na sociedade, resulta o presente relatório da necessidade de dar cumprimento à exigência da realização de um estágio para conclusão do curso de arquitectura e consequentemente o acesso ao exercício da prática profissional.

Para atingir a vontade de integração na actividade profissional, para além de promover e abrir diversificados caminhos, teve sob o ponto de vista pessoal, o proveito de obrigar a ordenar ideias, relacionar estas leituras e conhecimentos veiculados nas diferentes cadeiras do curso, relacionando-as num conjunto, onde a intenção foi a de desenvolver o processo projectual, e simultaneamente, e a cada passo deste, levantar questões e referir matéria de análise e reflexão.

Ainda que tomando por base as obras realizadas no tempo de estágio, projecto de arquitectura para uma casa no Infantado/Laures e recuperação de uma casa na zona histórica de Odiveias, considero que este estágio e o respectivo relatório, constituem o

ESTRUTURA DO RELATÓRIO

Introdução

O Atelier

Projecto/Casa do Infantado

O Cliente

Programa

Processo Projectual

Metodologia

Reflexão

Processo de Licenciamento

Conclusão

Bibliografia

INTRODUÇÃO

Considerando a prática projectual como actividade preponderante na formação do arquitecto e do reflexo que a sua melhor contribuição no exercício da profissão poderá ter na sociedade, resulta o presente relatório da necessidade de dar cumprimento à exigência da realização de um estágio para conclusão do curso de arquitectura e conseqüentemente o acesso ao exercício da prática profissional.

Esta exigência veículo de integração na actividade profissional, para além de promover e abrir diversificados caminhos, teve sob o ponto de vista pessoal, o proveito de obrigar a ordenar ideias, relembrar certas leituras e conhecimentos veiculados nas diferentes cadeiras do curso, relacionando-as num conjunto, onde a intenção foi a de desenvolver o processo projectual, e simultaneamente, e a cada passo deste, levantar questões e referir matéria de análise e reflexão.

Ainda que tomando por base as obras realizadas no tempo de estágio, projecto de arquitectura para uma **casa no Infantado/Loures** e recuperação de uma **casa na zona histórica de Odivelas**, considere que este estágio e o respectivo relatório, constituem o culminar de um percurso académico objectivado no ensaio dos conhecimentos assimilados e do seu cruzamento com a prática profissional, proporcionando oportunidade para simultaneamente a esta, constituir campo de investigação aplicada.

Assim, tentei evitar como princípio, o sentido descritivo e justificativo, registando intenções de carácter profissional bem como uma perspectiva crítica, por consciência da distância que medeia entre as intenções e os resultados. Assim e como opção, à medida que referi os passos do processo projectual, genérico e comum acompanhei-os por um conjunto de reflexões/referências, motivados por esse percurso e por serem matéria de constante preocupação.

O ATELIER

Gabinete de média estrutura diversifica a sua actividade em três áreas distintas: *ARQUITECTURA, INFORMÁTICA E DESIGN*.

Sendo estas resultantes das diferentes solicitações a que o gabinete foi sendo sujeito, e que com o tempo de actividade se vieram a demonstrar úteis, quer como resposta às necessidades impostas pelo mercado, quer pela possibilidade de homenizar, gerir e coordenar o processo projectual/construtivo nas diversificadas respostas a espaços de implantação nas mais diversas actividades das empresas.

A par destas intervenções, são desenvolvidos, à medida das solicitações e da participação em concursos, projectos de arquitectura, bem como a realização de algumas obras de interiores de pequena e média dimensão, que permitem consolidar a estrutura de forma a que a actuação projectual se desenvolva mais pacificamente.

Sendo colaborador deste gabinete há já algum tempo na área do Design, conhecedor do processo de trabalho, dos seus mecanismos estruturais, e da respectiva equipa, coordenada pelo Arqto. Carlos Fernando Vieira de Brito, enceto estágio na área do projecto de arquitectura, em que me é dada a possibilidade do desenvolvimento dos processos projectuais referidos.

A experiência fixada, sendo embora o resultado de actividade que me responsabilizará essencialmente a mim/estagiário e apresentando-se assim de forma muito pessoal, reflecte e de certo modo "compromete", no entanto, todo um colectivo que, apesar das naturais diferenças, se reconhece sem dificuldade na equipa.

Por outro lado, a exposição materializa um sentir mais pessoal dos problemas, numa experiência que tem por referência um tempo, um tempo ao longo do qual evoluíram e se consolidaram

entendimentos, conceitos e procedimentos muito diversos, por vezes contraditórios mas sempre motivo e ponto de partida para o enriquecimento progressivo do processo de aprendizagem da prática profissional.

Indicado em Portugal há cerca de seis anos, empresário, dono da fábrica de perfumes "Aroma da Terra", casado com uma serigrafista autodidata, e com duas filhas menores, possuidor de um lot. no Infantado, consulta o Gabinete para uma primeira abordagem dos mecanismos processuais para a feitura de um projecto e a respectiva constituição de uma casa.

Desconhecedor dos mecanismos que envolvem o referido processo e o seu desenvolvimento, estabelece contactos com alguns gabinetes no sentido de ficar o mais esclarecido possível e assim decidir, embora algo subjectivamente, a quem entregar o desenvolvimento do processo.

Recaindo a escolha no gabinete, regista-se, em continuidade dos primeiros esclarecimentos, um programa prévio e genérico da ideia de casa que o cliente tem, verificando-se à partida índice de construção superior ao permitido, sendo necessário ajustamentos de acordo com o respectivo alvará. Esclarecidos os diferentes aspectos e materializados em contrato, as condições jurídicas e administrativas bem como o respectivo cálculo de honorários, inicia-se o processo projectual com a feitura de um programa, por parte do cliente e dentro dos parâmetros possíveis a implementar bem como das premissas preconizadas e registadas em reunião prévia na Câmara de Loures e com o Arqto. Carlos Mesquita responsável pela Zona Norte do referido Concelho.

PROJECTO/CASA DO INFANTADO

O CLIENTE

Brasileiro de origem, radicado em Portugal há cerca de seis anos, empresário, dono da fábrica de perfumes "Aroma da Terra", casado com uma serigrafista autodidata, e com duas filhas menores, possuidor de um lote no Infantado, consulta o Gabinete para uma primeira abordagem dos mecanismos processuais para a feitura de um projecto e a respectiva construção de uma casa.

Desconhecedor dos mecanismos que envolvem o referido processo e o seu desenvolvimento, estabelece contactos com alguns gabinetes no sentido de ficar o mais esclarecido possível e assim decidir, embora algo subjectivamente, a quem entregar o desenvolvimento do processo.

Recaindo a escolha no gabinete, regista-se, em continuidade dos primeiros esclarecimentos, um programa prévio e genérico da ideia de casa que o cliente tem, verificando-se à partida índice de construção superior ao permitido, sendo necessário ajustamentos de acordo com o respectivo alvará. Esclarecidos os diferentes aspectos e materializadas em contrato, as condições jurídicas e administrativas bem como o respectivo cálculo de honorários, inicia-se o processo projectual com a feitura de um programa, por parte do cliente e dentro dos parâmetros possíveis a implementar bem como das premissas preconizadas e registadas em reunião prévia na Câmara de Loures e com o Arqto. Carlos Mesquita responsável pela Zona Norte do referido Concelho.

PROGRAMA FORNECIDO PELO CLIENTE

Deverá ser uma casa económica, com um aproveitamento máximo;

Necessitamos das seguintes divisões: 1 quarto de casal, 2 quartos para crianças, 1 quarto mais pequeno para visitas, 1 escritório, 1 atelier, 1 sala, 1 cozinha, 1 lavandaria, 1 garagem para 2 carros, 1 churrasqueira;

O quarto de casal deverá ter local de roupeiros sendo um com portas, e casa de banho privativa. Na casa de banho deverá ter banheira de hidromassagem e armário para toalhas debaixo do lavatório. As portas do roupeiro serão em espelho, deverá ter uma profundidade de 65 cm e com várias divisões internas;

Os quartos das crianças poderão ser divididos por um roupeiro embutido, (uma ou todas as portas com espelhos), um local para a secretária de estudos e um local para colocação de livros e bonecos, que poderá ser uma estante na parede;

O quarto das visitas que poderá ser mais pequeno, basta caber uma cama de casal e roupeiro com o maior tamanho possível. É um quarto sem muita importância. Poderemos aproveitar os 3 actuais roupeiros de solteiros, dos quartos das crianças, que possuem 1.92x0.94mts, com 0.54mts de profundidade cada;

Num dos quartos de criança, poderemos optar por colocar os actuais móveis em forma de estúdio;

A casa de banho para servir estes 3 quartos não necessita de ser grande, pode ter ou não, banheira, mas necessita um armário para toalhas a colocar debaixo do lavatório;

O escritório e atelier se possível no sótão, separado por uma divisória que poderá ser uma parede com armários todos abertos (para livros);

Neste sótão deverá ter uma janela superior para colocar um telescópio. Poderão ser 2 janelas, uma para cada sala, aproveitando a luz natural;

A garagem deverá ter lugar para 2 carros e bicicletas. Este local poderá ser reversível para um salão de festas. Pode ser no R/C, junto à churrasqueira. As portas da garagem devem ser automáticas. A entrada da garagem poderá ter no futuro um pequeno avanço para colocar 1 ou 2 carros, devidamente protegidos;

A churrasqueira deve ter uma cuba para lavar-loiça, e uma bancada de apoio ao lado. Este local poderá ser aumentado com a reversão da garagem, ficando assim um grande salão para festas. Isto se a garagem ficar no R/C;

Temos mesa de snooker e ténis que gostaríamos de utilizar, num local sugerido por vocês;

A sala deverá ter muita luz, com janelas ou portas grandes, externas, que dêem para o lado que fica mais privado.

Estantes embutidas na parede para colocar uma TV e equipamento de som e muitos biblots. Sofás devidamente orientados à luz solar. Poderá ou não ter mesa de jantar, com acesso directo à cozinha através de uma janela (elevador), por onde é transportada a comida. A sala de jantar poderá estar na cozinha. Uma lareira para funcionar como zona de estar, e aquecimento de ambiente;

A luz natural é extremamente importante, mas sabemos que é preciso ter cuidado com o frio e o calor;

A cozinha deverá ser funcional com todos os electro-domésticos encastrados e uma bancada grande, pois queremos ter os electrodomésticos todos "à mão". Uma mesa alta servindo de bancada, com bancos altos, onde serão feitas as refeições rápidas. Deve ter despensa.

O esquentador deverá ficar longe do fogão e este preferencialmente perto da janela. O frigorífico deverá ficar também longe do fogão. Queremos os seguintes electrodomésticos: Fogão, frigorífico, arca congeladora, grelhador, forno eléctrico, microondas máquina de lavar loiça;

A lavandaria, deverá ter um local para a máquina de lavar roupa, secador de roupa, local para passar a ferro, um tanque de lavar roupa e um armário para guardar materiais de limpeza;

Deverá ter uma casa de banho social no R/C e caso haja cave, deve haver uma pequena instalação sanitária (só sanita e lavatório);

Colocar tomadas de telefone e electricidade em todas as peças, para evitar o uso de extensões pelo chão. Preparar as tomadas de telefone para o acesso à TV cabo, principalmente na sala, cozinha, sótão e região da churrasqueira. Vamos colocar um sistema de alarme em todas as peças, com sensores e dispositivos ligados a uma central telefónica;

As casas de banho devem ter um sistema de segurança ligado a uma campainha para em emergência, accionar. Este sistema deverá ser audível em toda a casa;

Ainda na casa de banho, a luz deve ser natural e ter ventilação através de uma pequena janela;

Gostaríamos de ter um terraço;

Gostamos de conviver e fazemos frequentemente 2 coisas: Churrascos e café da tarde. Por este motivo este local deve ter privilégios e fácil transformação;

Gostamos todos de uma casa com cores claras, preto e cinza e pedra. Não gostamos muito de azulejos mas podemos considerar esta hipótese;

A Aline quer o quarto em cores brancas, principalmente as paredes;

Gostamos todos de janelas grandes. Porém temos consciência do frio. Ver o que é possível fazer;

Não gostaríamos de ter uma cave, pois a construção de 1 piso é o que mais gostamos, porém queremos aproveitar o maior espaço possível;

Na garagem, se possível, deverá ter um espaço para atelier;

A escada que liga os pisos, deve ter luz natural passando por um vitral;

Vamos ter cães e queremos um pequeno canil;

Todos estes itens podem ser revistos.

PROCESSO PROJECTUAL

Analisado o plano de urbanização e o respectivo quadro urbanimétrico bem como a implantação e os afastamentos preconizados pela Câmara, inicia-se o levantamento fotográfico, planimétrico e altimétrico dos limites do lote e edifícios adjacentes.

Comparando o preconizado pela câmara e o existente quer o já edificado quer a implantação e respectivos afastamentos, verifica-se acréscimo significativo nas áreas das implantações limítrofes e como consequência diminuição dos respectivos afastamentos, pondo em causa os parâmetros para a nova implantação.

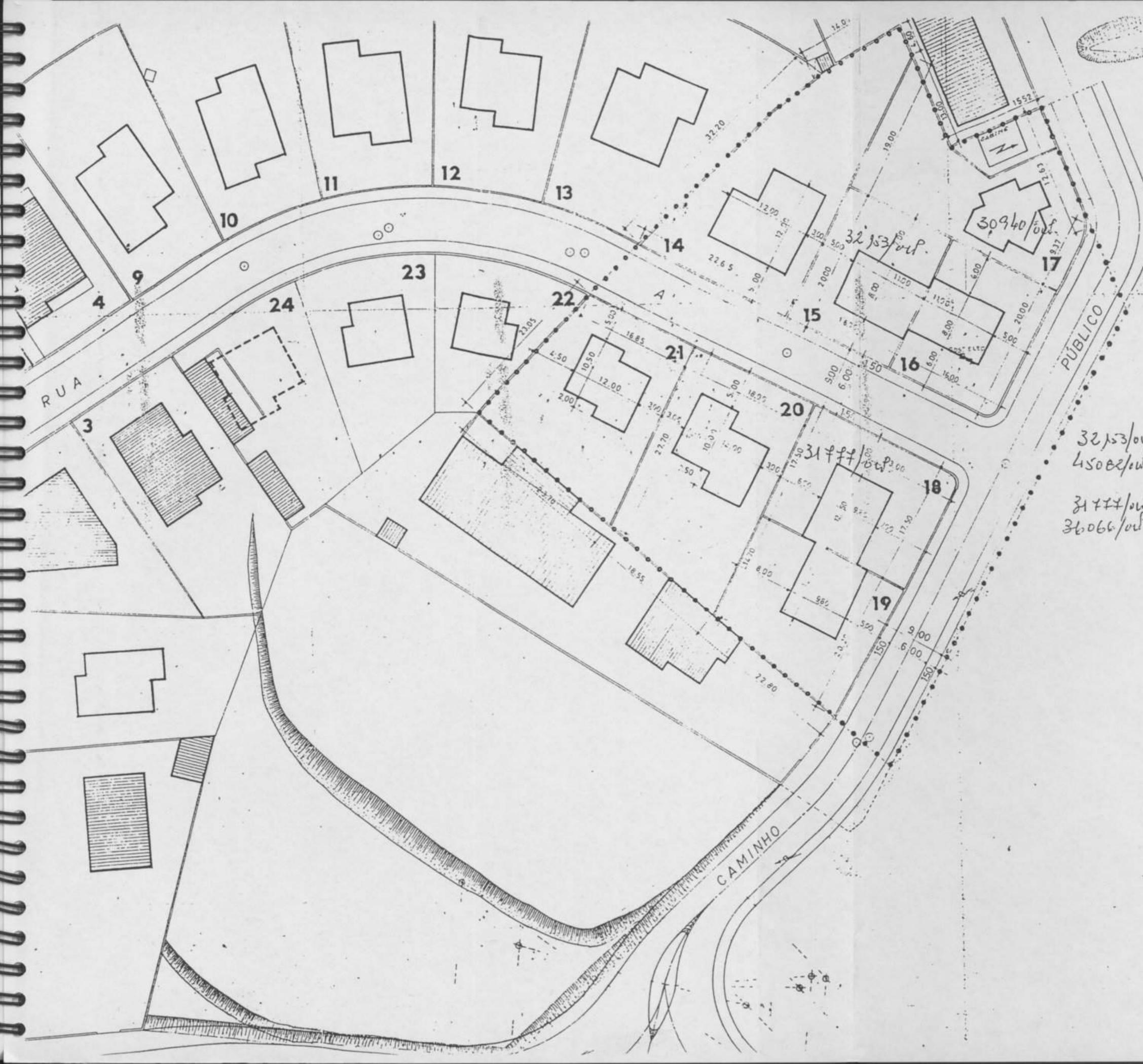
Assim, e depois de informada a câmara, inicia-se sobre a nova base o processo projectual.

Para implantar o programa fornecido pelo cliente e no sentido da melhor satisfação dos seus desejos, por um lado, e de acordo com as premissas por outro, bem como da análise da envolvente edificada e espacial, procura-se solução pacificadora e de neutralidade face às forças antagónicas presentes.

Feita a leitura do "sítio", o estudo iniciado "estrutura de suporte". despoleta a caracterização física, material/construtiva da forma, questionando a sua capacidade de existir como arquitectura.

Começando por ser uma débil "construção de cartão" monocromática, respondendo ao programa anterior e com base numa ideia de casa, emanada do lugar/suporte, e depois de analisados os parâmetros preconizados pela Câmara como sejam,





COMPOSIÇÃO DOS LOTES

Lote Nº	Área Total m ²	Área Cobert. m ²	Nº-Pisos	Cave	Tipo de Fogo.
14	612,00	131,00	2	1/2	T5
15	320,00	93,50	2	1/2	T3
16	320,00	93,50	2	1	T3
17	444,00	132,00	2	—	T5
18	400,00	122,00	2	1/2	T5
19	396,00	122,00	2	1/2	T5
20	539,00	122,50	2	1/2	T5
21	506,00	126,00	2	1/2	T5

- — LIMITE DA PROPRIEDADE A URBANIZAR C/A
- — ÁREA TOTAL QUE FICA INTEGRADA NOS LOTES
- — ÁREA A CEDER PARA UTILIDADE PÚBLICA
- — ÁREA A CEDER PARA O POSTO TRANSFORMADOR
- — ARRUMAMENTO EXISTENTE À MENOS DE 5 ANOS

DESCRIÇÃO
 A PRESENTE PROPRIEDADE REFERE-SE AO ALVARÁ DE LICENÇA DA SEÇÃO „V“ E DESIGNADO POR „HORTA DA LEZÍ“ A ÁREA DE 0.5020m².

CONFRONTAÇÕES
 Norte..... JOSÉ MARIA FERREIRA
 Sul..... CAMINHO PÚBLICO
 Nascente... JOSÉ MARIA FERREIRA

índices, afastamentos e implantação determinada pelo respectivo alvará de loteamento, e tendo sempre presente o Regulamento Geral das Edificações Urbanas, R.G.E.U., inicia-se o processo Projectual registando em texto as forças, as sonoridades, e os valores do lugar, ...

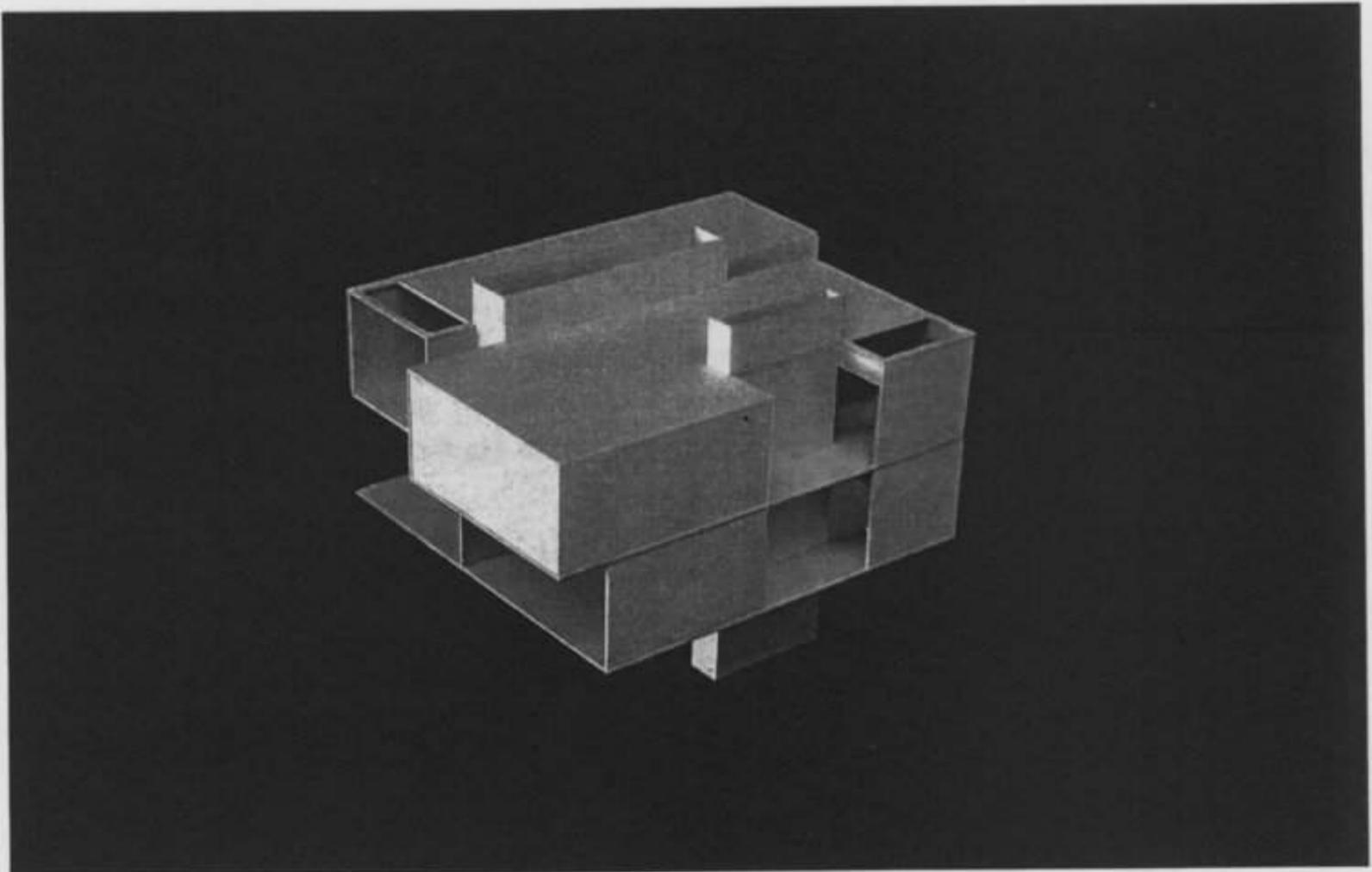
Equacionando todas as premissas referidas, dimensionam-se e relacionam-se os espaços sobre o suporte/ideia, os usos e as funções. Carecendo ainda de dimensão física, material e construtiva surge a primeira "imagem" construída e determinando os primeiros passos de um rumo pré-estabelecido para a "composição" de uma ideia.

As diferentes premissas que se pretendem equacionar de forma a dar resposta a um determinado problema e o método utilizado constituem aspectos importantes e primordiais na resolução e materialização de uma dada criação. Mas de facto, estes aspectos são apenas princípios genéricos que não definem todos os percursos nem esgotam a gama de factos e elementos, intervenientes na origem da ideia na sua obtenção e desenvolvimento. De facto existem dois problemas o da formação de uma ideia e o da sua concretização, que de facto só se poderá falar de cada um deles em termos de análise, pois estes interpenetram-se de tal forma que não podemos eleger um como princípio no processo metodológico.

É compreensível que não se pode considerar um método como um processo de utilização neutra e de resolução de todos os problemas ou mesmo como meio desligado dos pontos de partida e de concretização final.

O método é um vasto percurso onde os elementos mais determinantes se situam anteriormente à sua possível aplicação,

análise de precedentes culturais que permitam maior identificação das soluções a atingir.



apresentar para serem feitas por uma montagem que possa na maioria dos casos evitar a falha.

Aprovada a solução prévia de acordo com alguns ajustamentos preconizados pelo cliente, reinicia-se o processo projetual.

Desde a vez a seguir por um canal e duas fileiras verticalizadas-se em, independentemente em dois corpos separados por um vão de luz normal, verticalizando o espaço entre duas gerações.

A "tampa" de uma encontra-se parcialmente, o comprimento lateral e a borda entre estabelecidos. Trata-se agora de proceder à

apoiados em pressupostos culturais que permitem maior clarificação dos objectivos a atingir.

De acordo com o programa do cliente e demais premissas elaborou-se a primeira "imagem" da casa, a qual se colocou à sua consideração, esclarecendo e justificando a não implementação da totalidade do programa, assim como das respectivas alterações introduzidas.

A análise e a respectiva apresentação efectua-se sobre uma maquete tridimensional que permitiu mais fácil e esclarecida justificação da forma, encetando-se uma acção pedagógica sobre o cliente, demovendo-o da assimilação dos modelos pseudo-tradicionais da envolvente a que já tinha aderido.

De facto a transmissão dos valores da arquitectura observada durante o percurso académico não são tarefa fácil, adivinhando-se neste tipo de casos, difícil implementação das convicções, e do percurso, que venho assimilando.

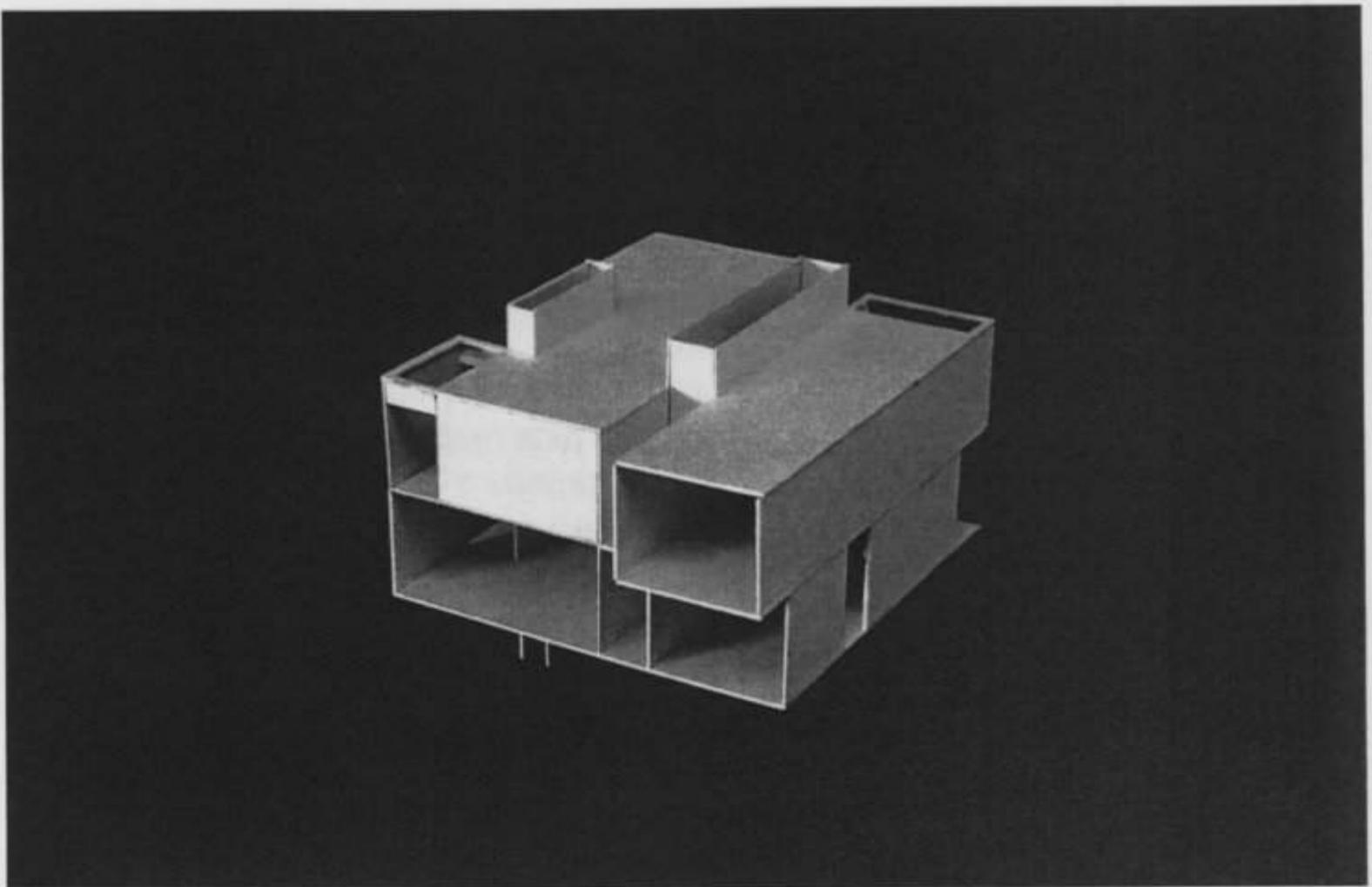
Considero existir uma grande "decalage" entre o percurso académico e a realidade, facto aliás já constatado anteriormente, pondo em questão a relação entre arquitecto/cliente/construtor, obrigando à moderação da linguagem e a recorrer a mecanismos expeditos para tentar fazer passar uma mensagem que penso na maioria dos casos poderá vir a falhar.

Aprovado o estudo prévio de acordo com alguns ajustamentos preconizados pelo cliente, reinicia-se o processo projectual.

Sendo a casa a habitar por um casal e duas filhas materializou-se esta, simbolicamente em dois corpos separados por um vazio de luz zenital, simbolizando o tempo entre duas gerações.

A "imagem" da casa encontra-se materializada, o compromisso formal e a ideia estão estabelecidos. Trata-se agora de proceder à

caracterização física, organização do ponto de vista material,
atuação espacial, interação as tentativas, a cor dos materiais e a



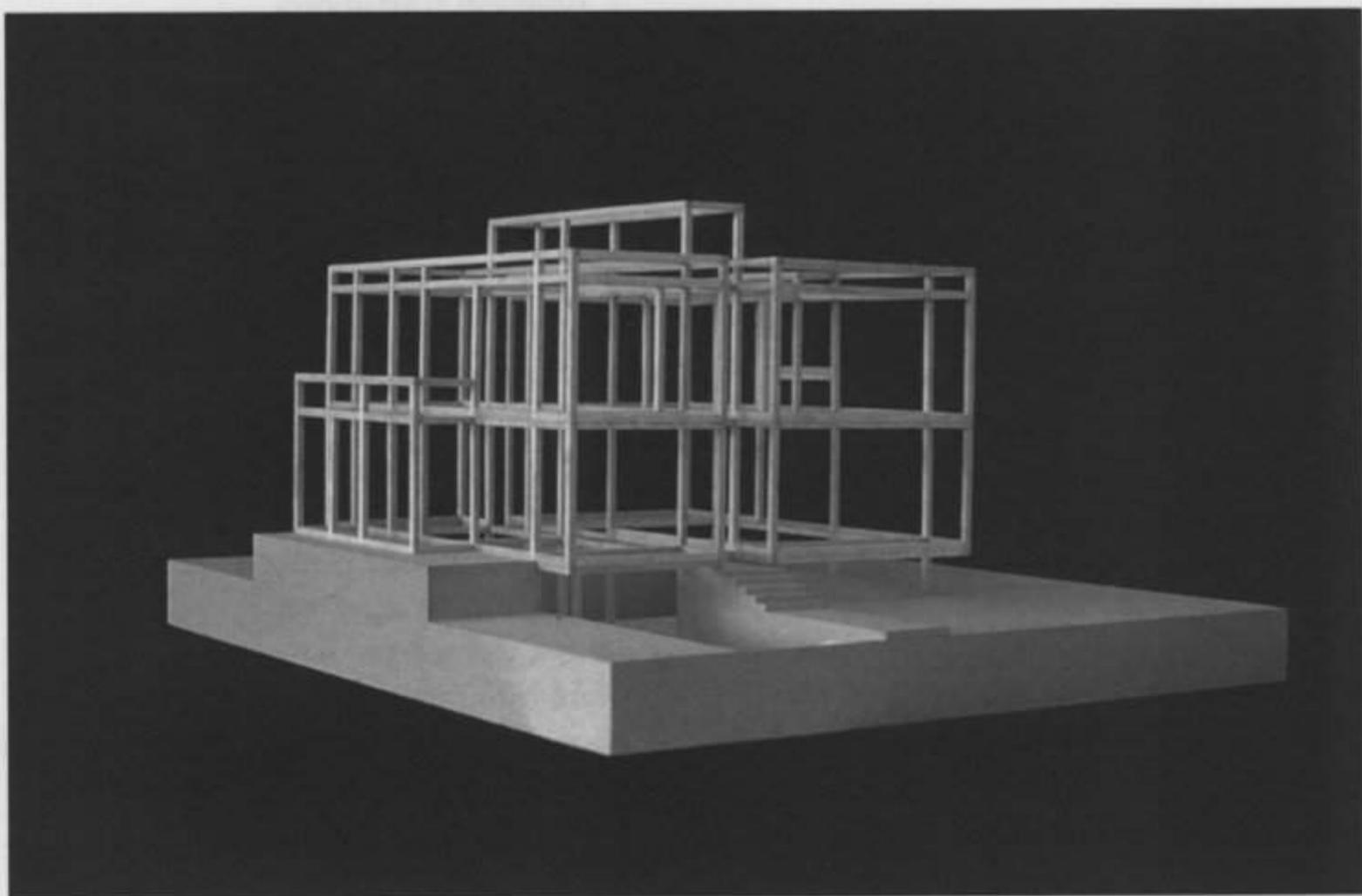
de uma forma tridimensional que permite a observação por meio de
diversos pontos de vista, permitindo assim a percepção da forma e
necessidade para o espaço, a presença física, volumétrica,
suas relações de ligação e transição entre os materiais, as
cores, as texturas, a continuidade ou a interrupção entre as
diferentes partes verticais e horizontais, no sentido dinâmico de
interpenetração de espaços, pois a luz, a sombra, as ligações as
partes verticais ou horizontais, as perspetivas, não já, também,
material de construção e estrutura o momento de realização para
as "elementos" "estruturas" a liberdade de participar
de uma forma que desafia a ideia. A partir deste momento de
região de forma e de necessidade, arrastando a todos os
especialistas, como parte da decisão, contribuindo com a sua

caracterização física, concretizar do ponto de vista material, atribuir espessuras, considerar as texturas, a cor dos materiais e a sua inter-relação com os espaços, elementos, aliás, fruto da caracterização do espaço, subordinada à ideia de base.

Caracterizando do ponto de vista material, obriga-nos a distinguir o que é essencial ou primário do que é acessório ou secundário, o que é estrutural do que é apenas preenchimento de vazios, sendo motivações para a reformulação do desenho, e para a redefinição dimensional, "dimensão da arquitectura", não podendo prescindir de todos os elementos identificadores e do compromisso com os materiais que vão inevitavelmente definir. Impõe-se e contrapõe-se a consideração da peça com um todo construtivo, e a simples continuidade material ao longo de toda a construção. Em todos os sentidos, conduz com naturalidade à integração das diferentes parcelas numa globalidade que assim se aproxima da homogeneidade que se procura.

É o momento de equacionar as relações dimensão/material, função/esforço/solicitação, forma/desenho/composição. É o momento de estudar as alterações que se introduzem na leitura do espaço, ajustamentos não perdendo a base/ideia, porque a dimensão estrutural insuficiente não cumpre a função, a necessária fere o espaço, é preciso ajustar, redimensionar, procurar relações de ligação / transição entre os materiais, as cores, as texturas, a continuidade ou a interrupção entre os diferentes planos verticais e horizontais, no sentido obsessivo da caracterização do espaço, onde a luz, a sombra, as ligações ao exterior verticais ou horizontais, os percursos, são já, também, materiais de construção e sobretudo o momento de reclamar para os elementos "estruturais" a liberdade de participar decisivamente no desenho do todo. A partir deste momento as regras da física e da matemática, abrangentes a todas as especialidades, fazem parte do desenho, contribuindo com a sua

consistência para a solidificação da ideia e inscrevendo-se definitivamente no processo projetual, passando também a



tipos. Os sistemas técnicos podem dividir-se em categorias com propriedades que lhe são características. Para além das categorias propriamente ditas, conhecemos construções "informais" (ou informais) que não podem ser vistas na arquitetura primitiva. Para produzir formas de carácter topológico utilizamos tijolo e argila, e outros materiais plásticos como a pedra não trabalhada. Tais construções "informais" (ou "informais") oferecem possibilidades muito limitadas de variação das formas e técnicas dos espaços, assim como de localização das aberturas. Contudo, é interessante assinalar que mesmo estas construções primitivas revelam uma tendência inventiva

consistência para a solidificação da ideia e inserindo-se definitivamente no processo projectual, passando também a conduzir o desenho.

*“A dimensão técnica pode considerar-se de dois modos diferentes. Podemos tomar os materiais como ponto de partida, falando de “construções de madeira” ou “construções de betão armado”, classificação que se utiliza na prática arquitectónica e que assim aparece em muitos manuais. Mas também podemos tomar como ponto de partida os elementos da construção. A construção utiliza paredes, pavimentos, tectos, escadas, portas e janelas e todas estas partes podem ser executadas com diversos materiais. Em nossa opinião, é tão pouco satisfatório tomar como ponto de partida para a investigação sobre a construção de edificios os “materiais”, como os “elementos” que acabamos de mencionar. Em qualquer dos casos, não obteremos mais do que um conhecimento fragmentário sem que tenhamos realmente compreendido a ideia de “sistema técnico”. Com esta expressão designamos **uma repetição ordenada de um número limitado de elementos técnicos**. Os elementos podem ser compostos por um ou mais materiais. O método construtivo mais simples que cumpre este critério é a construção com blocos de pedra ou de tijolo.*

Os sistemas técnicos podem dividir-se em categorias com propriedades que lhe são características. Para além das categorias propriamente ditas, conhecemos construções “amorfas” (ou informes) que são muito comuns na arquitectura primitiva. Para produzir formas de caracter topológico utilizamos tanto a argila e outros materiais plásticos como a pedra não trabalhada. Tais construções “informes” (ou “amorfas”) oferecem possibilidades muito limitadas de variação das formas e tamanhos dos espaços, assim como de localização das aberturas. Contudo, é interessante assinalar que mesmo estes procedimentos primitivos revelam uma tendência inerente

para o uso das formas geométricas. Os sistemas técnicos propriamente ditos surgiram através do desenvolvimento de métodos de construção que se foram adaptando a estruturas formais e programas muito diferenciados. É possível pois, dividir os sistemas em duas categorias essenciais: **sistemas massivos e sistemas de esqueleto**. Ambas as categorias têm muitas variantes e existem tipos intermédios e sistemas combinados. Os dois tipos intermédios e sistemas combinados. Os dois tipos de sistemas básicos cumprem dois objectivos: a construção de paredes de encerramento e a cobertura dos espaços assim formados. Por isso, devemos distinguir entre sistema de encerramento e de cobertura. Umas vezes estes aspectos fundem--se num único sistema técnico completo e, outras, cada problema tem “.

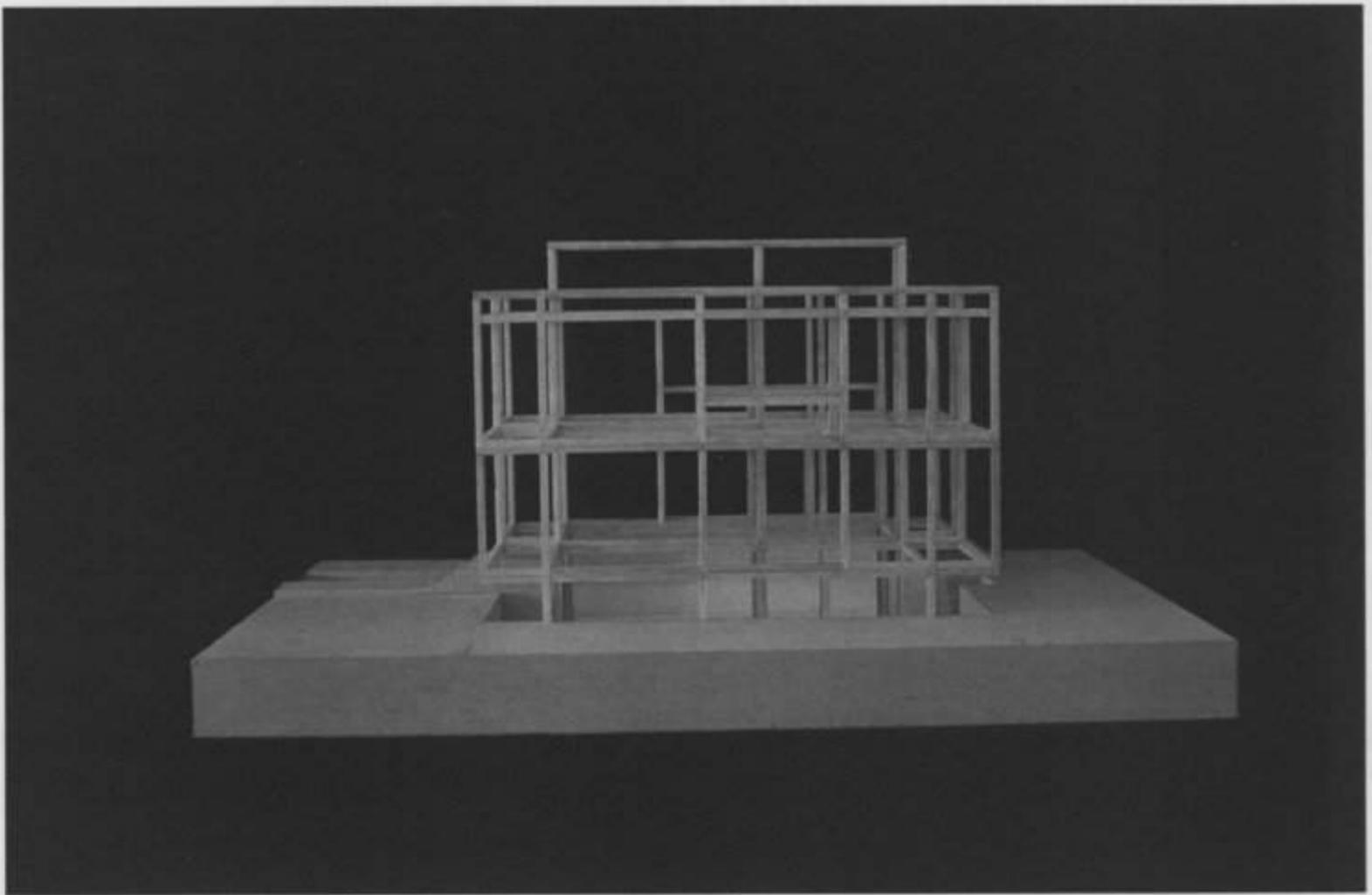
Norberg-Schulz – “Intenciones em Architectura”

Assim, procede-se já à procura da fixação da solução definitiva, sendo o objectivo fundamental testar a sua viabilidade de materialização da ideia/imagem inicial, visando a obtenção de um “produto final”, e ao mesmo tempo, avaliação do processo encetado que no essencial procurou a identificação e a consciência de um “modo de proceder”, uma “metodologia”.

É novamente o momento do encontro com novas motivações projectuais para alcançar a viabilização física da obra, bem como, a correcta relação entre esta exigência e os diferentes materiais e demais elementos construtivos, ligações, dimensionamentos, transições, comportamentos térmicos e acústicos, conduzindo as diferentes opções a um todo mais consciente, consistente e coerente.

Hoje, a aproximação ao processo projectual procura controlar o mais possível a pesquisa aleatória, através de apoio científico no sentido de assim se captar da melhor forma a sua natureza, reduzindo a panóplia de opções, permitindo alcançar um final

mais conciso e definido. De facto, à medida que se vai definindo
e dando forma a uma ideia precisa através de análises de



problemas.

Estabelece-se uma relação entre as diferentes matrizes retidas
durante a formação académica, a vivência global e a actividade
profissional, num complexo processo de aprendizagem, como
refere Piaget e Eco, de "organização da informação e da
memória", que constituição de "estruturas culturais" necessárias à
identificação de "marcos históricos" orientadores do
subconsciente.

mais conciso e definido. De facto, à medida que se vai definindo e dando forma a uma ideia geradora através de análises de conjunto e de pormenor, o processo criativo alterna-se entre momentos críticos, angústias e incertezas e outros mais criativos e consolidados.

Assim, a metodologia projectual procura proporcionar e determinar as acções, as formas de actuação e as diferentes aplicações, de forma sucessiva. Contudo, convém referir que a metodologia é apenas um processo genérico, que de acordo com cada problema sofrerá os devidos reajustamentos, quer eles sejam de carácter material, estrutural ou compositivo, tendo sempre com fio condutor uma planificação apoiada no princípio

“uma metodologia forma-se a partir da observação da realidade e de como esta se renova”.

N.Portas/“Arquitectura Popular”/Lisboa 1964.

gerador de todo o processo sem esquecer a especialidade e características da resolução dos diferentes sub-problemas.

Na aproximação ao “processo projectual”, é indispensável a leitura da realidade, considerando todos os aspectos de forma a que a ideia inicial seja de facto a melhor aposta na resolução do problema.

Estabelece-se uma relação entre as diferentes matérias retidas durante a formação académica, a vivência global e a actividade profissional, num complexo processo de aprendizagem, como referiu *Humberto Eco*, da “organização da informação e da memória”, para consolidação da “estrutura cultural” necessária à identificação de “marcos históricos” orientadores do conhecimento.

AS FONTES DO CONHECIMENTO

Sendo a globalidade dos conhecimentos provenientes de diversificadas fontes e a sua assimilação do processo educacional, verifica-se que quando nos debruçamos sobre a resolução de um problema/projecto, o conjunto de dados já identificados provêm também de diferentes fontes.

Sendo a primeira fonte, a observação e a experiência, verifica-se que a experiência não é mais do que a observação provocada e memorizada.

Ao longo do tempo acumulamos impressões que constituem o saber fruto inclusivé da informação genética, educação e condições do tempo que dedicamos, e que nos proporcionam para o desenvolvimento intelectual.

A segunda fonte é aquilo a que podemos chamar experiência idealizada e que resulta das experiências acumuladas e filtradas através da nossa educação permitindo-nos a análise das sensações através de uma dada observação. É devido a esta fonte a assimilação de uma linguagem e a descoberta de diferentes lógicas, tendo como referência o conhecimento da realidade e de um ideal.

A terceira fonte é a documentação, a compilação de toda a informação válida sobre determinado assunto.

A quarta fonte é já a ampliação de tudo isto, subordinando um determinado método já experimentado e testado, determinado domínio, a outro domínio diferente, sendo este realizado cedo mas de forma, subconsciente, necessitando para ser válido, de tempo para ser consciencializado e confirmado.

Na actividade mental, os métodos de pensamento são normalmente do tipo lógico, como do tipo analógico havendo duas categorias de operações essenciais: a análise e a síntese.

É possível ao homem considerar o mundo como uma descontinuidade distinguindo os diferentes elementos que o compõem, e recompondo-os de forma inteligível de modo a aplicar as suas convicções e ao mesmo tempo constatar a veracidade da sua análise.

Verifica-se assim, uma complementaridade entre a análise e síntese, fundamentalmente quando a finalidade é a confirmação de uma solução.

A procura de um método em arquitectura deve procurar a sua especificidade, de forma a tornar-se um instrumento para a resolução do vasto campo do domínio e ordenamento do espaço, sem esquecer a relação homem/ambiente. Considera-se assim, a necessidade de uma convergência entre os métodos científicos e o conhecimento do fenómeno arquitectónico que vai permitir aproveitamentos de complementaridade.

É de referir também que na base do pensamento científico e do artístico está a componente intuitiva ou psicológica que necessita de desenvolvimento de métodos que permitam cientificar estes aspectos no processo criativo.

Impõe-se que os objectivos considerem sempre que possível a conjugação de métodos científicos ao processo e resolução dos problemas arquitectónicos, sendo imprescindível a reflexão teórica do fenómeno arquitectónico.

Estão há muito identificadas as componentes do "processo projectual", sendo o construído constituído por uma série de estruturas, desde o objecto para assinalar um lugar ao edifício e deste à cidade e ao território, bem como uma relação densa entre estruturas espaciais, figurativas e construtivas.

Assim esta inter-relação entre estruturas obriga a considerar toda a envolvente quando se decide intervir num determinado espaço,

sendo este aspecto apenas uma parte do problema. Cabe ao arquitecto, estabelecer relações que façam sentido entre o “novo” e o já existente, sendo de referir e reforçar que estas relações seja qual for o contexto não só ao nível da imagem, mas sim, mais profundas e extensas envolvendo toda a problemática projectual.

De facto, apenas uma parte das estruturas construídas, é visível e perceptível e por isso, mais fácil de apreciar, já não acontecendo o mesmo com outras estruturas e infra-estruturas que se encontram camufladas no “interior” da construção. De facto, o funcionamento de qualquer edificação implica sempre relações com todos os sistemas estruturais envolventes, sendo estas determinantes e decisivas na concepção das edificações.

Assim, a primeira condição para a existência de qualquer edificação, para além da sua “estrutura de suporte” que agrega simultaneamente a “estrutura funcional” e figurativa, considerar sempre um complexo sistema de relações, conexões e referências de um determinado contexto. Caracterizar qualquer edificação depende pois, de uma série contínua de estruturas, cuja definição não pode isolar nem desligar as partes do todo.

Esta questão, remete-nos para análises profundas dos sítios ou lugares que sob todos os pontos de vista não podem nem devem reduzir-se ou banalizar a sua real complexidade.

Para Louis Kahn, *“A ideia do lugar ... é a consequência de um programa que satisfaz as necessidades humanas para um sítio determinado.”*

A arquitectura começa quando o homem decide onde colocar a sua construção. Por isso, o conceito de lugar resulta da combinação das necessidades humanas com um sítio natural determinado”

Para Rafael Moneo “ *A natureza dos materiais e o seu uso não bastam para construir a arquitectura, é preciso estabelecer os princípios da composição, o sistema que a torne possível*”

Assim, a estrutura resistente ou de suporte não é, pois, qualquer coisa independente do sitio, da envolvente, do contexto, como do mesmo modo, não o é, o estudo volumétrico, alinhamentos, vazios e cheios, materiais, cores, texturas e tudo que contribui para a obra de arquitectura.

Penso assim, que a introdução das questões relacionadas com a construção, deverá ser sempre contemporânea da explicitação da primeira imagem, contudo, a prática profissional, na maioria dos gabinetes aponta para uma tendência de afastamento dos arquitectos e demais profissionais envolvidos, relativamente a este tipo de questões, conforme detectei neste, e noutros gabinetes em que estive inserido.

A desvalorização das questões ditas “materiais do projecto”, facto aliás, já verificado noutras épocas em que os princípios tradicionais da arquitectura foram manipulados de forma displicente implementando simplificações inadequadas e reducionistas da obra de arquitectura, subjugando-a a princípios meramente funcionalistas.

Ainda hoje, é dado o excessivo privilégio aos aspectos funcionalistas encarando o projecto como um acto puramente “técnico-programático”, servindo-se de esquemas funcionais ou organicistas usando quase exclusivamente a “planta” como extensão dos ditos esquemas. Para já não falar nos aspectos que têm servido de privilegio exacerbado ao nível dos “significados” e a valores eminentemente plásticos, bem como, a todos os “racionalismos” construtivos ou tecnológicos, fundamentando visões “economicistas” ou simplesmente “produtivas” minimi-

zando os valores arquitectónicos como sejam a superfície, o volume, o espaço...

Verifica-se ainda, que nas diferentes fases de projecto se encontram desequilíbrios que não equacionados e integrados no processo projectual, podem resultar em perdas de consistência.

A fase de programação por exemplo é encarada como pura manipulação de exigência funcional e quantitativa no que respeita fundamentalmente à conjugação funcional entre programa e R.G.E.U. e demais premissas veiculadas camarariamente.

Durante o desenvolvimento deste processo são intervenientes vários técnicos, e por conseguinte, conjugação de formas de actuação e valores diferenciados, facto que aponta frequentemente para incompatibilidades pondo em causa na maioria das vezes a arquitectura e a boa execução construtiva.

Do ponto de vista da intervenção arquitectónica, num determinado contexto, a definição funcional, a organização espacial pressupõe a definição formal exige o compromisso e a clarificação duma imagem de e para o sitio.

A pesquisa de expressão formal, equacionando a linguagem arquitectónica, considera ao mesmo tempo as componentes construtivas, confrontando-as com toda a complexidade que identifica e caracteriza a peça em desenvolvimento. Cheios e vazios opacidades e transparências, encerramentos e rasgamentos, ligações .

São elementos que se vão moldando e agregando de modo a que programa, ideia, relações espaciais, volumetrias, alinhamentos índices, cores, texturas que equacionadas de forma criteriosa

enriquecem e desenvolvem o projecto de forma natural e aglutinadora *da ordem arquitectónica que se deseja.*

De facto esta exigência já interiorizada e assumida obvia, que de outro modo tenderia a transformar-se num obscuro espaço de pura subjectividade, como acontece na esmagadora maioria dos casos.

Neste contexto, julgo que só é possível responder cabalmente a esta exigência, através de um processo de sistematização progressiva, ao mesmo tempo identificando os limites dessa mesma exigência. Limites que não ponham em causa a liberdade de optar por um lado, e o mais amplo sentido colectivo por outro de modo a uma compatibilização da "arte comunitária" que a arquitectura é, como "poder de construir" que ela pressupõe e que fala *Sullivan*, acentuando deste modo a responsabilidade do arquitecto perante a sua própria comunidade, ou seja acentuando e balizando a sua própria responsabilidade social e profissional.

A intervenção modifica a topografia estabelecendo uma secção diferente da do seu estado inicial.

O projecto define um espaço em negativo, semi-enterrado, construído para baixo como um embasamento negativo e fluido que promove simultaneamente a penetração da luz solar e a contemplação e usufruição do jardim envolvente, enfatizando a

relação interior/exterior controlada, salvaguardando ao mesmo tempo a privacidade.

Exteriormente a construção apresenta dois volumes paracipipédicos separados por outro de menores dimensões. Uma

MEMÓRIA DESCRITIVA

O cliente de origem brasileira, radicado em Portugal há cinco anos, com actividade profissional na área dos perfumes, dono da empresa "Aroma da Terra", casado com uma serigrafista autodidata, implementa um programa ambicioso, por desconhecimento, para um lote de reduzidas dimensões.

O Lote, situado em esquina, é marginado por dois arruamentos a Noroeste e Sudoeste.

Situado no Infantado, Urbanização fora do núcleo urbano de Loures, caracterizada por construções de escala antagónica e sem interesse são em grande parte responsáveis e determinantes na definição arquitectónica do projecto.

A proposta pretende apropriar-se do lugar, interiorizar a vivência, estudada e orientada de forma a proteger-se da acção do tempo, isolando-se da envolvente, dos vizinhos e de quem passa, dotando a casa da máxima privacidade e intimidade.

A intervenção modifica a topografia estabelecendo uma secção diferente da do seu estado inicial.

O projecto define um espaço em negativo, semi-enterrado, construído para baixo como um embasamento negativo e fluído que promove simultaneamente a penetração da luz solar e a contemplação e usufruição do jardim envolvente, enfatizando a

relação interior/exterior controlada, salvaguardando ao mesmo tempo a privacidade.

Exteriormente a construção apresenta dois volumes paralelepípedicos separados por outro de menores dimensões. Uma

pequena escada, entre estes, ascendente e uma rampa descendente resolvem o acesso à casa.

O PROJECTO

Tendo presente a forma arquitectónica desqualificada das duas habitações que envolvem respectivamente a nascente e a sul o lote a intervir e de forma a não contrariar, significativamente o preconizado pela câmara, embora já adulterado, e no sentido, face a uma intervenção diferenciada, pacificadora e ao mesmo tempo de continuidade ao edificado, decidiu-se não adoçar na globalidade a casa a edificar à já erigida e posicionada perifericamente na fronteira entre lotes, através de uma empena cega, conforme documenta o levantamento fotográfico e gráfico.

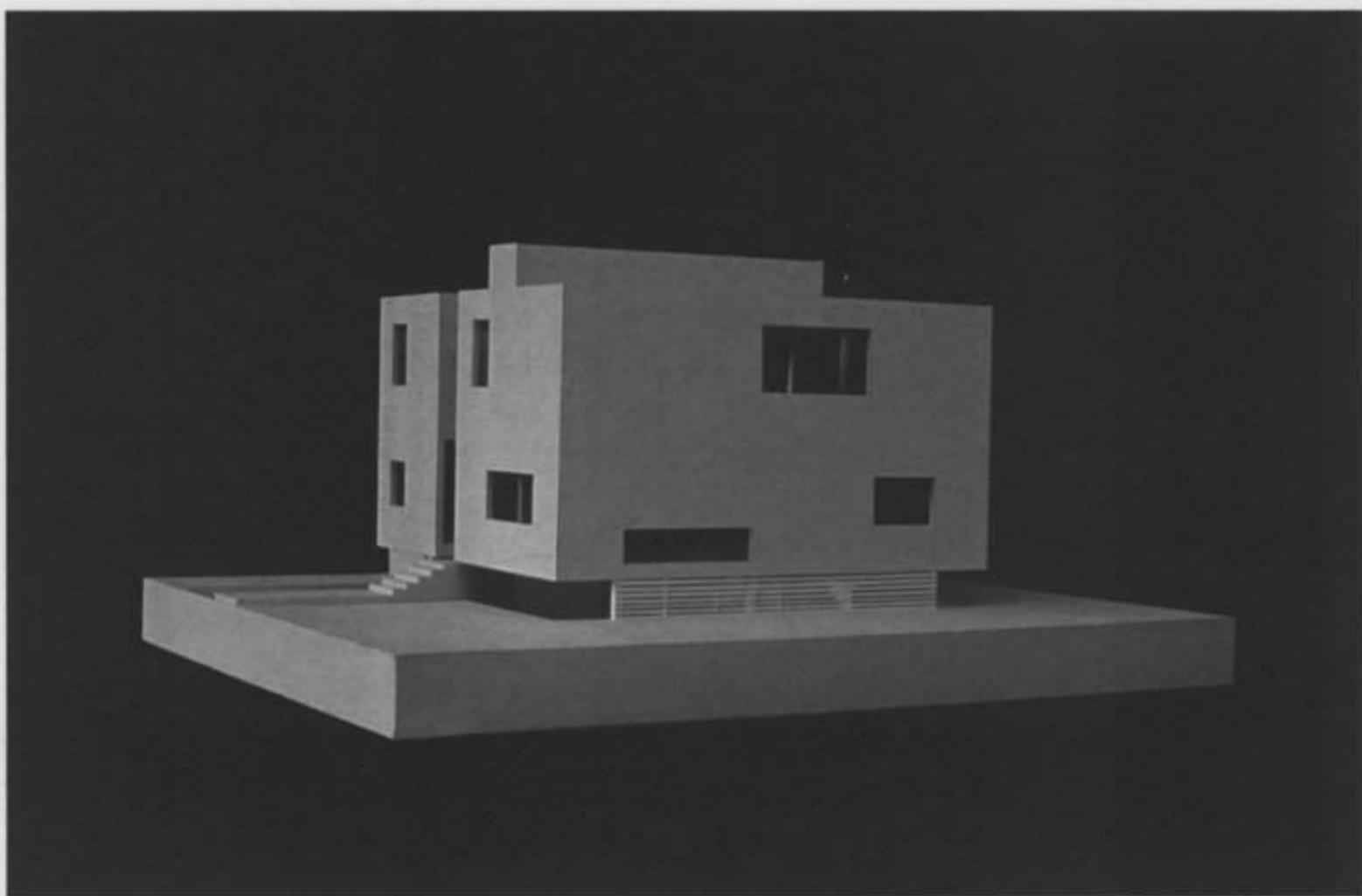
Assim criou-se um vazio de transição entre as duas, ao nível dos primeiros planos quer frontal, quer lateral e vertical, permitindo-se uma intervenção distinta e de neutralidade face à envolvente.

Ao nível do segundo plano, materializado por um volume de menor dimensão, dá-se a amarração à empena cega da edificação referida.

Justificada a necessidade do vazio instituído, face à dimensão da implantação autorizada e de acordo com prévia reunião na câmara, permitiu-se uma diminuição nos afastamentos quer pelo referido anteriormente quer ainda pela situação presente e documentada graficamente.

Assim, os dois volumes posicionam-se de forma contrária ao estabelecido camarariamente, desenvolvendo-se a sua implantação no sentido longitudinal do terreno, minimizando a diminuição dos afastamentos e dando continuidade, conforme

demonstram os registos gráficos, as formas edificadas
respeitando os respectivos alinhamentos, para ambos os lados.



orientados a se funcionam como duas bolsas de transição e
proteção, preservando a fachada interior recuada. Ao nível do
solo posicionam-se junto às soleiras os quadros de recepção à
privacidade residual.

No espaço orientado a sul inserem-se na fachada e no terreno,
respectivamente um grilheiro e uma escada de transição para o
jardim.

Ao nível do piso 1, materializam-se a rampa de acesso
automóvel, a garagem e uma pequena escada que prepara e
guia a entrada na casa, penetrando entre os dois corpos e

demonstram os registos gráficos, as frentes edificadas respeitando os respectivos enfiamentos, para ambos os lados.

A CASA

A casa desenvolve-se em três pisos, respectivamente: Piso -1; Piso 1 e Piso 2.

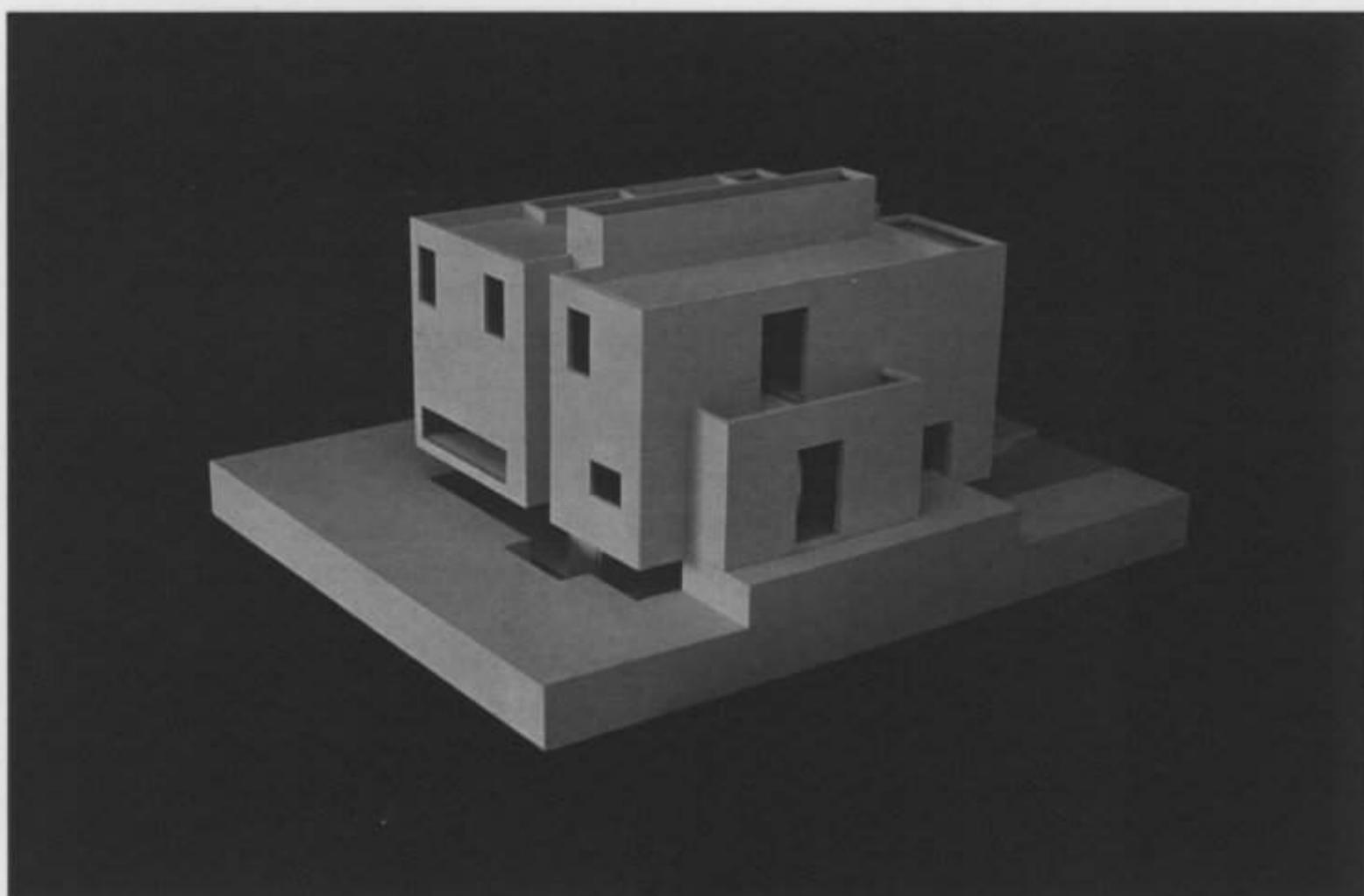
De acordo com o preconizado pela Câmara de um espaço em Cave, institui o projecto um espaço semi-enterrado, construído para baixo como se de um embasamento negativo e fluído se tratasse. Espaço mutante devido à articulação das fenestraçãoes, escavado e aninhado debaixo dos 2 corpos superiores, que parecem suspensos devido ao diferencial de cota entre o terreno e a base destes, permite simultaneamente a penetração da luz solar e a usufruição visual do jardim envolvente, enfatizando a relação interior/exterior parcial ou total, salvaguardando também a privacidade.

No espaço descrito agregam-se respectivamente a garagem para dois automóveis, atelier, arrumos e espaço de lazer. Através deste, acede-se ainda a dois pequenos espaços exteriores e semi-enterrados que funcionam como duas bolsas de transição e protecção, preservando a fachada interior recuada. Ao nível do solo posicionam-se junto às soleiras os sumidouros de recepção à pluviosidade residual.

No espaço orientado a sul inserem-se na fachada e no terreno, respectivamente um grelhador e uma escada de transição para o jardim.

Ao nível do piso 1, materializam-se a rampa de acesso automóvel, a garagem e uma pequena escada que prepara e anuncia a entrada na casa, penetrando entre os dois corpos e

acessando à entrada semi-oculta num espaço de transição e
participação, entre o exterior e o interior.



por vãos abertos frontal e superiormente.

No corpo possui, materializam-se os quartos duplos, para as
filhas, separadas por instalação sanitária comum e central. Um
espaço exterior/varanda adorado exteriormente à instalação
sanitária, permite simultaneamente a usufruição, e a captação da
luz solar, com acessibilidade através dos dois quartos.

Procura-se com estes espaços exteriores, ocultos parcialmente
pela fachada, captar e aprisionar a luz solar zenital, de forma a
equilibrar o ambiente interior salvaguardando-o da orientação
herdada do loteamento.

accedendo à entrada semi-oculta num espaço de transição e protecção, entre o exterior e o interior.

Já no interior o vestíbulo deixando vislumbrar o exterior, permite a acessibilidade à sala e à zona de cozinha, através de um pequeno espaço canal onde à esquerda e à direita do mesmo se ocultam uma pequena instalação sanitária de apoio à zona social, e um pequeno espaço de arrumos. Entre estes e a zona de comer, outro espaço canal permite a acessibilidade à zona de serviços e a sala comum, esta separada pelo vazio zenital.

No corpo a poente, institui-se a sala comum, separada pelo vazio de ligação entre pisos, onde a luz zenital penetra, através de lanternim superior, banhando os dois lanços de escada que permitem a comunicação vertical.

Ao nível do piso 2, no corpo nascente materializa-se o quarto de casal, que agrega simultaneamente uma instalação sanitária independente, e um vestiário posicionado entre os dois espaços referidos, e do qual através de uma porta se acede ao terraço/cobertura dos serviços. Do espaço quarto acede-se também a um espaço exterior/varanda onde a luz solar penetra por vãos abertos frontal e superiormente.

No corpo poente, materializam-se os quartos duplos, para as filhas, separados por instalação sanitária comum e central. Um espaço exterior/varanda adçado exteriormente à instalação sanitária, permite simultaneamente a usufruição, e a captação da luz solar, com acessibilidade através dos dois quartos.

Procura-se com estes espaços exteriores, ocultos parcialmente pela fachada, captar e aprisionar a luz solar zenital, de forma a equilibrar o ambiente interior salvaguardando-o da orientação herdada do loteamento.

CÂMARA MUNICIPAL

Por último, a cobertura de carácter plano, e consequência do projecto desenvolvido, permite também a acessibilidade para possíveis instalações especiais (painéis solares), bem como para possíveis manutenções do lanterim central, guarda-fogos e demais elementos envolventes. O piso, devidamente impermeabilizado, mecanicamente resistente e com ligeira inclinação, permite a condução das águas pluviais através de gargulas orientadas estrategicamente para o jardim.

O espaço envolvente à implantação da moradia será devidamente tratado com espécies vegetais adequadas e de forma a permitir a infiltração e retenção das águas pluviais necessárias e suficientes ao equilíbrio do ambiente envolvente.

Foram exigidas rectificações ao nível do levantamento topográfico e outros, conforme documento em anexo.

Consultados os serviços e estabelecido contacto com diferentes documentos necessários para o projecto de licenciamento, foram devidamente analisados e preenchidos.

Organizados os três processos, exigidos camarariamente, foram entregues como pagamento da respectiva taxa de apreciação.

não abrangido por plano ou alvará de loteamento
ou informação prévia

Em: _____
Presidente da Câmara Municipal de Loures

Assunto: RICARDO ANTÓNIO DOS SANTOS SILVA

Partido do B. CÂMARA MUNICIPAL emitido pelo Arquivo de Identificação de 21560A

em 4/11/2014 Foram estabelecidos alguns contactos com a câmara municipal de Loures, facto que permitiu verificar e constatar que não é fácil o diálogo sobre arquitectura, podendo mesmo afirmar que neste caso, foi quase inexistente, limitando-se o contacto à discussão de parâmetros do R.G.E.U., índices e demais premissas impostas pelo respectivo alvará de loteamento. No entanto, sendo inexistente o diálogo sobre arquitectura, foram aceites as propostas de alteração introduzidas, facto que se veio a confirmar na aprovação do referido projecto.

Verificando-se algumas omissões nos registos gráficos, foram exigidos através de ofício a sua rectificação bem como a proposta de reunião no sentido de esclarecer se o cliente estaria devidamente sensibilizado para o tipo de casa que iria construir afirmando a Arqtª Inês Toscano, a dado momento, e passo a transcrever, "... O cliente gosta disto..." e mais adiante "... é difícil implementar esta arquitectura no nosso país..."

Foram exigidas rectificações ao nível do levantamento topográfico e outros, conforme documento em anexo.

Consultados os serviços e estabelecido contacto com diferentes documentos necessários para o projecto de licenciamento, foram devidamente analisados e preenchidos.

Organizados os três processos, exigidos camarariamente, foram entregues como pagamento da respectiva taxa de apreciação.

Dezido da obra

Comércio	<input type="checkbox"/>	Indústria	<input type="checkbox"/>	Habitação	<input checked="" type="checkbox"/>	Turismo	<input type="checkbox"/>
Serviços	<input type="checkbox"/>	com. 1 loja		2 ocupações		1 grupo	

[Handwritten signature]

não abrangido por plano ou alvará de loteamento
s/ informação prévia

Exm^o Senhor
Presidente da Câmara Municipal de Loures

Requerente RICARDO ANTÓNIO DOS SANTOS SILVA
Portador do B.I. n^o 16014208, emitido pelo Arquivo de Identificação de LISBOA
em 4, 11, 94, Contribuinte Fiscal n^o _____, residente em/na PRAÇA INFANTE
D. HENRIQUE, N^o 10 - 6^o FRENTE
Código Postal 2675 INFANTADO/LOURES Telefone _____ na qualidade
de proprietário usufrutuário locatário mandatário

requer a aprovação do projecto de arquitectura, relativa construção que pretende levar a efeito no
(*) TERRENO sito em:

Local (Rua, Avenida, Praça, etc.) LOTE 16 - QUINTA NOVA DE S. ROQUE,
Localidade LOURES, Freguesia LOURES.

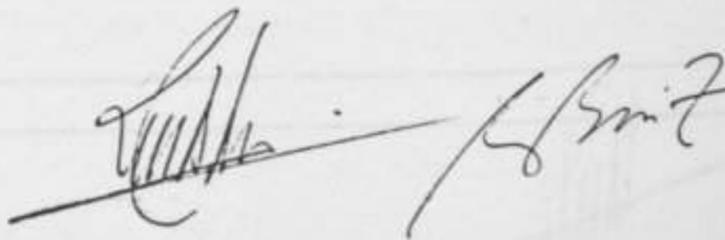
Inscrito na matriz predial de LOURES, sob o n^o 7.840, e descrito na
Conservatória do Registo predial de LOURES, sob o n^o 32156

Nos termos do Art^o 46^o do Dec-Lei n^o 445/91, de 20 de Novembro, junta projecto cujas características se resumem da seguinte forma:

Construção nova <input checked="" type="checkbox"/>	Legalização <input type="checkbox"/>	Ampliação <input type="checkbox"/>
Prédio <input type="checkbox"/>	Moradia <input checked="" type="checkbox"/>	Armazém <input type="checkbox"/>

Destino da obra

Comércio <input type="checkbox"/>	Indústria <input type="checkbox"/>	Habitação <input checked="" type="checkbox"/>	Turismo <input type="checkbox"/>
Serviços <input type="checkbox"/>	com: <u>1</u> fogos	ocupações	<u>1</u> garagens



Ocupação da via pública

Pretende ocupar a via pública com VEDAÇÃO/ABR pelo prazo de 365 DIAS, numa extensão de 16 m e largura de 20 m, obrigando-se desde já a montar o tapume adequado protegendo devidamente a mesma.

Estimativa de custos

A obra estima-se em 28.800 contos na sua totalidade, correspondendo a um custo unitário de 120 contos/m².

O projecto é candidato ao seguinte sistema de incentivos: _____

projecto não é candidato a qualquer sistema de incentivos.

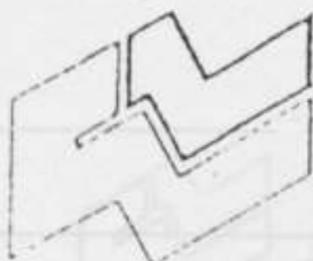
Junta os seguintes elementos:

- Documento comprovativo da legitimidade do requerente;
- Projecto de arquitectura (memória descritiva, plantas, cortes, alçados, estimativa de custos e calendarização da execução da obra);
- Termo de responsabilidade;
- Ficha B Ficha A.

Loures, 1 de JUNHO de 1998

(assinatura do requerente)

(•) prédio ou terreno



MUNICÍPIO DE LOURES
CÂMARA MUNICIPAL

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO URBANÍSTICA

Requerente: RICARDO ALVARO DOS SANTOS SILVA

Local Obra: LOTE 16 - QUINTA NOVA DE S. ROQUE - LOURES

Nome do Técnico: CARLOS FERNANDO VIEIRA DE BRITO

Categoria: ARQUITECTO Insc. nº 1575

Pedido de informação prévia processo nº _____

Loteamento processo nº _____ Alvará nº 5/79

Área do Lote 325 m² Inscrição Matricial nº 7.840

Desc. na 1^a Cons. R. Predial de _____ sob o nº 32156 Freg. LOURES

Tipo e utilização da construção: MORADIA UNIFAMILIAR

CARACTERÍSTICAS DIMENSIONAIS DO PROJECTO

Área coberta	<input type="text" value="92.93"/>	Nº de pisos acima do solo	<input type="text" value="2"/>
Área total de construção	<input type="text" value="300"/>	Nº de pisos abaixo do solo	<input type="text" value="1"/>
Área de estacionamento	<input type="text" value="22.78"/>	CÉRCEA	<input type="text"/>
Área de arrecadações	<input type="text" value="53.29"/>	OCUPAÇÕES: Nº	Área (m ²)
Volumetria (m ³)	<input type="text" value="827.81"/>	- Comércio	<input type="checkbox"/>
Índice de ocupação (m ² /m ²)	<input type="text" value="0.30"/>	- Indústria	<input type="checkbox"/>
Índice de construção (m ² /m ²)	<input type="text" value="0.46"/>	- Serviços	<input type="checkbox"/>
Índice volumétrico (m ³ /m ²)	<input type="text" value="2.54"/>	- FOGOS	<input type="text" value="1"/>
Tipologia dos fogos	T0 <input type="checkbox"/>	T1 <input type="checkbox"/>	T2 <input type="checkbox"/>
	T3 <input checked="" type="checkbox"/>	T4 <input type="checkbox"/>	T5 <input type="checkbox"/>

Descrição das vias de acesso, indicando as suas características e estado de conservação

Arranjo de espaços livres a seu cargo e / ou zona de cargas e descargas: _____

Observações: _____

Loures, de _____ de 199 _____

O requerente _____

O técnico responsável _____

INSTRUÇÕES:

Esta ficha deve acompanhar os projectos que se apresentam para apreciação da C.M.L..

PEDIDO DE VIABILIDADE DE CONSTRUÇÃO - deve referir se foi efectuada consulta prévia à Câmara sobre a viabilidade de construção ou se o lote se situa integrado em algum estudo de loteamento indicando o respectivo nº de processo.

TIPO E UTILIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO - isolada, germinada, agrupada, bloco, torre habitacional, Industrial, comercial, agrícola, armazenal, mista e serviços (escritórios), etc..

ÁREA TOTAL DE CONSTRUÇÃO - engloba - as sacadas ou varandas desde que sejam cobertas.

ÍNDICE DE CONSTRUÇÃO (M²/M²) - quociente entre a área total dos pavimentos do edifício (incluindo cave, sótão e anexos) e a área do talhão correspondente à edificação.

ÍNDICE DE OCUPAÇÃO (M²/M²) - relação entre a área de implantação ou coberta da construção incluindo anexos e a área do talhão correspondente à edificação.

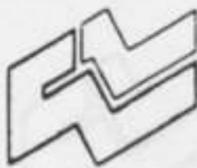
ÍNDICE VOLUMÉTRICO (M³/M²) - quociente entre o volume de construção e a superfície do lote ou da parcela.

ZONAS DE CARGAS E DESCARGAS - é aplicável, essencialmente, a edifícios industriais, armazéns comerciais ou mistos. Deve indicar-se se foi previsto e a respectiva área, dentro dos limites do lote.

ARRANJO DOS ESPAÇOS LIVRES A SEU CARGO - deve indicar o tipo de obras exteriores, dentro ou fora do limite do lote, que irá executar, referindo se apresentou, conjuntamente com o projecto de construção, a pormenorização do arranjo desses espaços.

CERCEA - cota vertical da construção, contada a partir do ponto de cota média do terreno no alinhamento da fachada até à linha superior do beirado ou platibanda ou guarda do terraço.

OBSERVAÇÕES-devem referir-se as indicações complementares julgadas convenientes



MUNICIPIO DE LOURES
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO URBANÍSTICA

Requerente: RICARDO ANTÓNIO DOS SANTOS SILVA

Local da Obra: LOTE 16 - QUINTA NOVA DE S.ª R.ª DE LOURES.

Nome do Técnico: CARLOS FERNANDO VIEIRA DE SAITO

Categoria: ARQUITECTO Insc.º: 1575

Revestimentos e cores que deseja aplicar (a preencher pelo interessado)	Cores indicadas pelos S.T.
Fachadas <u>UM CORPO REBOCADO E PINTADO A COR BRANCO, INCLINDO LANTERNIM. O OUTRO CORPO REVESTIDO A TINTOLEIRA DE COR CREME, ZONA DE JERUGOS REVESTIDA A SRELHA METALICA BRANCA.</u>	
Empenas	
Muros <u>REBOCADOS E PINTADOS A COR BRANCO. INCLINDO PORTÕES DE ACETIL.</u>	
Cantarias <u>BRANCAS NO CORPO BRANCO, TIPO ESTREMOZ, E TIPO MOLEBRAS. CREME NO CORPO TORCADO A TINTOLEIRA CREME,</u>	
Elementos de madeira <u>PAVIMENTOS E MOBILIÁRIO DE ACORDO COM A ARQUITECTURA DE INTERIORES - MADEIRA CLARA TIPO FAIA E PAVIMENTO EM BUBINCA, TARKUA OU OUTRA DE COR AVERMELHADA.</u>	
Elementos metálicos <u>CAIXILHARIA EM ALUMINIO POLIDO E OU BRANCO INCLINDO AS RESPECTIVAS PORTAÕES DE LAMINAS HORIZONTAIS</u>	

Loures, 1 de JUNHO de 1998

O requerente _____

O técnico responsável _____

Carlos Fernando Vieira de Saito



CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

MUNICIPIO DE LOURES

ESTABELECIMENTO DE ADMINISTRAÇÃO E SAUVIDADE

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

15 JUL 1998

ENTRADA

Requerente: RICARDO ANTÓNIO DOS SANTOS SILVA

Local da Obra: LOTE 16 - QUINTA NOVA DE SÃO ROQUE - LOURES

Nome do Técnico: CARLOS FERNANDO VIEIRA DE BEITO

Categoria: ARQUITECTO Insc.n.º 1575

ESTIMATIVA DE CUSTOS

N.º 1 do art.º 12.º do Dec. Lei 582/70

A - Area total de pavimentos (não inciundo cobertura acessiveis	A = 240 m2)	
P - Preço unitário P=1000 = Estimativa do Custo total		120.000 \$00/m2
	Area total do pavimento	
C - Estimativa de custo total da obra	28.000	contos

SUB-CATEGORIAS	Valor dos trabalhos compreendidos nas sub-categorias. (contos)
2º - Fundações especiais	
4º - Trabalhos de betão armado	7.117.000.00
5º - Trabalhos de betão pre-estorcado	
7º - Estruturas metálicas	
11º - Isolamentos e impermeabilizações	2.300.000.00
12º - Canalizações e ins. dos respectivos disposit.	1.440.000.00
13º - Ascensores	
14º - Instalações. iluminação eléctrica. sinalização	1.800.000.00
15º - Ventilação. aquecimento e condicionamento. ar	
17º - Protecção. estruturas metálicas e metalização	4.623.000.00
1º - Demolições e Terraplanagens	
3º - Trabalhos alvenaria. betão. reboco. telhado	
6º - Assentamento de cantarias	
8º - Trabalhos de carpintaria toscos e limpos	
9º - Trabalhos de serralahria civil	
10º - Estuque. Pinturas e revestimento especial	
16º - Limpeza e conservação de edificios	11.520.000.00
C - Estimativa do custo total da obra	

O técnico responsável

[Handwritten signature]

Ex.^{mo} Senhor
Presidente da Câmara Municipal de Loures

CÂMARA MUNICIPAL
LOURES
15 JUL. 1998
ENTRADA

Nome completo do Requerente RICARDO ANTÓNIO DOS SANTOS SILVA
N.º de Contribuinte 206320132 Código de Contribuinte 1520 Pessoa Singular Pessoa Colectiva
Morada PRAGA INFRANTE D. HENRIQUE, Lote N.º 10 Andar 6.º F.
Localidade LOURES Código Postal 2675 / LOURES
Freguesia LOURES Município _____ Telefone 9820332
na qualidade de Mandatário Proprietário Compropietário _____

dando cumprimento ao officio despacho deliberação _____
de 98.6.22 referente ao prédio sito em:

Local (Rua, Avenida, Praça) QUINTA NOVA DE S. ROQUE LOTE 16. LOURES
Localidade LOURES Freguesia _____

requer a junção ao processo de Loteamento Construção Alteração Legalização
N.º 33.554/OC/P/N dos seguintes elementos PLANTA DE IMPLANTAÇÃO / REFERÊNCIA GEODÉSICA, SETIMILHAÇO DE CORDES, PLANTAS E ALÇADOS, CUMPRIMENTO DO R.B.E.V. (RECONSTRUÇÃO TOPOGRÁFICA) (ALTIMETRIA, GEOMETRIA E PLANIMETRIA.)

Pede deferimento,
Loures, 15 de JULHO de 1998
[Assinatura]

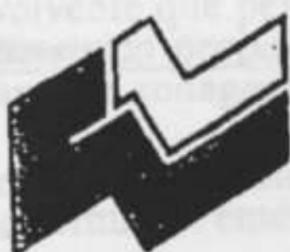
B. I. N.º 16014208 de 4, 11, 94 Arquivo LISBOA

[Assinatura]
[Assinatura]

PROGRAMAÇÃO DE OBRA - Moradia

Fases da Obra	Meses																					
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
ESTALEIRO	█																					
MOV. DE TERRAS	█																					
BETÕES		█	█																			
PAVIMENTOS							█	█														
EST. METÁLICA																						
ALVENARIAS					█	█																
CANTARIAS							█	█														
CARPINTARIAS									█	█	█	█										
SERRALHARIAS									█	█	█	█										
REVESTIMENTOS									█	█	█	█										
COBERTURA									█	█	█	█										
PINTURAS												█	█									
ACABAMENTOS									█	█	█	█										
INST. CANALIZAÇÕES									█	█	█	█										
INST. ELÉCTRICAS																						
EQUIP. FIXO E MÓVEL												█	█									

ALPIOU - Arquitectura, Informática e Design - Carlos Fernando Vieira de Brito - Rui de Almeida Luis



MUNICÍPIO DE LOURES
CÂMARA MUNICIPAL

INFORMAÇÃO

Nº 81/DAU/2077/IM

DATA 98.6.22

PROC. 33.554/DCP/N

FOLHA 34

PROVENIÊNCIA: COD. 130 112 DESIG. Arqt. Inês Toscano Monteiro

DESTINATÁRIO: COD. 130 000 DESIG. DIRECTOR do DEPARTAMENTO

PRETENSÃO: construção de moradia
Quinta nova de São Roque, Lt. 16, Loures

APRECIÇÃO LIMINAR

1 - O presente processo não se encontra instruído de acordo com o D. L. 250/94 de 15/10.

2 - Assim, com base no nº 3 do artigo 16º do mesmo diploma legal, tendo em vista a correcta instrução da pretensão, julga-se de notificar o titular, para no prazo de 30 dias apresentar os elementos a seguir referidos, sob pena de rejeição do pedido e arquivamento do processo sem mais formalidades, esclarecendo-se que os elementos solicitados, sempre fizeram parte integrante dos projectos bem instruídos, como é do conhecimento dos Técnicos Projectistas

- a) Certidão da Conservat. do R. Predial (validade 6 meses até à data de apresentação)
- b) Declaração da Associação de Proprietários (para Loteamentos de Génese Ilegal)
- c) Termo de Responsabilidade do Autor do Projecto (Portaria 1115-A/94 de 15/12)
- d) Credencial da Associação de Classe (autor do projecto Arquitecto ou Engenheiro)
- e) Calendarização para Execução da Obra (previsão parcial e previsão total em meses)
- f) Estimativa de Custos da Obra, (valores parciais; valor total; valor médio por m2)
- g) Planta de Localização, modelo oficial, c/ confrontações e indicação dos limites do terreno; registo gráfico da pretensão e integração na envolvente, incluindo arruamentos confinantes.
- h) Extracto da Planta Síntese: do Plano de Urbanização; do Plano de Pormenor ou do Alvará de Loteamento "conforme os casos" incluindo Quadro Urbanimétrico.
- i) Levantamento Topográfico, esc. mínima 1:200, abrangendo o lote, as vias confinantes e uma faixa envolvente que clarifique a situação local. Devidamente cotado (altimetria Geometria e dimensões do lote (planimetria). Indicação precisa dos limites e área da parcela
- j) Planta do Terreno, esquematização para calculo de áreas, indicando a decomposição geométrica em figuras simples, dimensões e área das figuras, calculo da área total da parcela.

- k) **Planta de Implantação**, esc. mínima 1:200, abrangendo o lote, as vias confinantes e uma faixa envolvente que permita entender a relação com o existente. Cotas de modificação do terreno (altimétrica proposta). Geometria e dimensões do lote; implantação; afastamentos; passeios e taxa de rodagem (planimetria proposta). Indicação dos limites e área da parcela.
- l) **Perfis Topográficos**, em conformidade com a planta de implantação, em posição e número que permitam entender a relação do terreno e da proposta com o meio envolvente.
- m) **Plantas / Arquitectura**, incluindo sótão utilizável (*só pé direito não inferior a 1.50m*) devidamente cotadas, com indicação das linhas de corte; área e uso dos compartimentos; área bruta por piso e relação com as construções confinantes. Deve incluir planta da cobertura. *caus. não pod. ser uso de oficina laje; usar apenas garagem e armazém*
- n) **Alçados / Arquitectura**, com inclusão parcial das fachadas dos edifícios confinantes, numa extensão que permita entender a volumetria, a traça e linguagem arquitectónica existentes. Altimetria nos cumbeiros; base dos corpos balanceados; posição da laje de esteira; platibandas e cumeeira. Indicação do P. N. do Terreno; linha de cêrcea 45° e inclinação da cobertura em %.
- o) **Cortes / Arquitectura**, em posição e número que esclareçam o interior da construção e ligação entre pisos. Altimetria de soleira; base dos corpos balanceados; pavimentos; platibandas e cumeeira. Indicação do P. N. do Terreno; linha de cêrcea 45° e inclinação da cobertura em %.
- p) **Plantas dos Pisos**, "esquematização para cálculo de áreas" indicando a decomposição geométrica, dimensões e área das figuras, cálculo parcelar das áreas encerradas; áreas de varandas e terraços cobertas e ou descobertas, cálculo das áreas brutas de construção por piso.
- q) **Alçados de Conjunto**, esc. mínima 1:200, com indicação relativa de cada um dos lotes inseridos. Altimetria nos cumbeiros; base inferior dos corpos balanceados; cumeeira e platibandas.
- r) **Projecto Rectificativo**, de modo que a modulação do terreno se faça de forma integrada na topografia natural e na envolvente, sem recurso a muros periféricos de altura total superior a 2.50 m, aceitando-se excepcionalmente que a parte de suporte do muro atinja 1.50 m de altura.
- s) **Projecto Rectificativo**, de modo que a cobertura não apresente telhado com inclinação superior a 45% (aprox. 24°) e o seu arranque e a altura das águas furtadas ou do sótão, no prolongamento vertical das paredes exteriores, não ultrapasse 0.50 m acima da cota da laje de esteira.
- t) **Projecto rectificativo**, cumprindo o Artº 1360º do Código Civil "face à proposta de utilização de terraço até ao limite do lote", ou Declaração individual dos titulares dos lotes confinantes com o referido terraço, aceitando a proposta referida, *situação que poderá vir a adquirir direito de vistas sobre o seu terreno*, nos termos do Artº 1362º do Código Civil.
- u) **Projecto do Muro de Vedação cotado, com indicação do receptáculo postal**, devendo enquadrar-se nos seguintes princípios regulamentares (nº4 do artº 23º do R M E U): (*altura em alvenaria não superior a 1.00 m*); (*altura total incluindo gradeamento, não superior a 1.50 m*)
- v) **Pormenor da Transição**, da entrada Automóvel (*planta e perfis*), entre a rua e o interior do lote, de modo a não aparecerem degraus ou rampas no espaço público, nem qualquer alteração ao normal traçado do passeio, aceitando-se lancis rampeados tipo entrada de garagem.

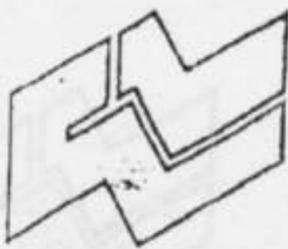
Nota: As plantas referidas nas ali. g): l); k), devem apresentar malha de referência cartográfica com ligação à rede Geodésica Nacional, indicando as coordenadas reais do terreno (*Meridiana e Perpendicular*), ou em alternativa, ligação a um mínimo de três pontos notáveis e bem referenciados no terreno, quando não existam elementos de referência (M P)

2) demonstração da respectiva ventilação e iluminação natural dos quartos a Noceira, e do cumprimento do RGEU, nomeadamente Art. 15

3) rectificação de sucessivas ruínas, no ex. nº 1, Alameda Vasco da Gama, etc.

4) se usado a se possem sobre os parâmetros do Alameda

21
38.6.22



MUNICIPIO DE LOURES
CÂMARA MUNICIPAL

INFORMAÇÃO

Nº 273/DLU/2017/ITA

DATA 98.9.16

PROC. 33.554/OCP/N

FOLHA 37

PROVENIÊNCIA: COD. 130 112 DESIG. Arqt. Inês Toscano Monteiro

DESTINATÁRIO: COD. 130 300 DESIG. DZN DZOC DZOR

PRETENSÃO: Construção Residencial

Quinta Nova de S. Roque - Alu. Lot. n.º 5/97, Lot. 16, Loures

PROCESSO / OCP - INSERIDO EM ALVARÁ DE LOTEAMENTO

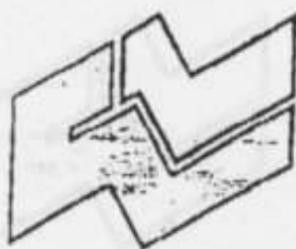
À Consideração Superior

1- Com base na ficha de medições a fol. 53, 54, verifica-se enquadramento da pretensão nos valores urbanimétricos previstos no ALVARÁ de LOTEAMENTO Nº 5 / 97

2 - Analisado o projecto, verifica-se o cumprimento dos parâmetros regulamentares:
 RGEU; RMEU; C. Civil; Segurança C/ Incêndios (fase preliminar).

3 - Face à conformidade verificada, propõe-se a aprovação do projecto de arquitectura*
apresentado com o requer. to a fol. 3, 38, devendo com base no exposto no artº 17ºA do D. L. 250/94 de 15/10, apresentar no prazo de 180 dias, os elementos a seguir assinalados:

- a) Projecto de estabilidade, à responsabilidade do técnico autor / subscritor.
- b) Projecto da rede de águas, incluindo elementos fornecidos pelos S. M. A. S.
- c) Projecto da rede de esgotos, incluindo elementos fornecidos pelos S. M. A. S.
- d) Projecto da rede eléctrica, obrigatório para potência superior a 50 KVA.
- e) Projecto da rede de gás, incluindo certificado técnico passado pela D. G. Energia.
- f) Projecto da rede telefónica, ou ficha de isenção, de acordo com o R. I. T. A.
- g) Projecto da rede de difusão sonora e televisiva de acordo com o D L 249/97 de 23/9
- h) Projecto de chaminés. (pormenores de ventilação e exaustão de fumos e gases).

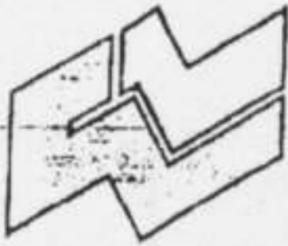


MUNICÍPIO DE LOURES
CÂMARA MUNICIPAL

PROC. 33.554/0CP/N

FOLHA 56

- i) Projecto de verificação das condições térmicas de acordo com o D. L. 40/90.
- j) Projecto de elevadores (instalação electromecânica de transporte)
- K) PROJECTO DE CONDIÇÕES DE SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS.**
- k1) Aplicado a áreas habitacionais, de acordo com o D. L. 64/90 de 21/2.
- k2) Aplicado a áreas comerciais e serviços, de acordo com o D. L. 61/90.
- k3) Aplicado a áreas de estacionamento interior, de acordo com o D. L. 66/95.
- l) Projecto do muro de vedação, com indicação do receptáculo postal, enquadrável nos seguintes princípios regulamentares (nº4 do artº 23º do R M E U): (altura em alvenaria não superior a 1.00 m); (altura total incluindo gradeamento, não superior a 1.50 m).
- m) Projecto de tratamento dos espaços exteriores, com indicação dos materiais de revestimento "cumprindo o artº 76º do R G E U", e calculo (m2) das áreas ajardinadas.
- n) Planta da área destinada a estaleiro da obra, garantindo as seguintes condições:
- Não abranger a faixa de rodagem (excepto em casos devidamente ponderados).
 - Ser vedada com tapume (quando confinante com vias ou outros espaços públicos)
 - Reposição ou execução por parte do construtor, dos arranjos exteriores aprovados.
- o) Declaração individual dos titulares dos lotes confinantes, em como as dimensões e área dos seus lotes não são diminuídas e não resulta qualquer prejuízo, pelo facto do lote nº _____ apresentar área superior à prevista. (aumento de cerca de _____ m2. \cong _____ %)
- p) Declaração da Associação de proprietários, expressando conhecimento da situação referida na alínea anterior, esclarecendo se do facto podem resultar eventuais prejuízos para o domínio público. Devendo registar os elementos para eventual rectificação do Plano
- q) Demandas de apertivas ventilações e iluminações das quintas a noroeste (2º piso), e do cumprimento do RGEU art. 73.



MUNICÍPIO DE LOURES
CÂMARA MUNICIPAL

PROC. 33.559/DCP/O

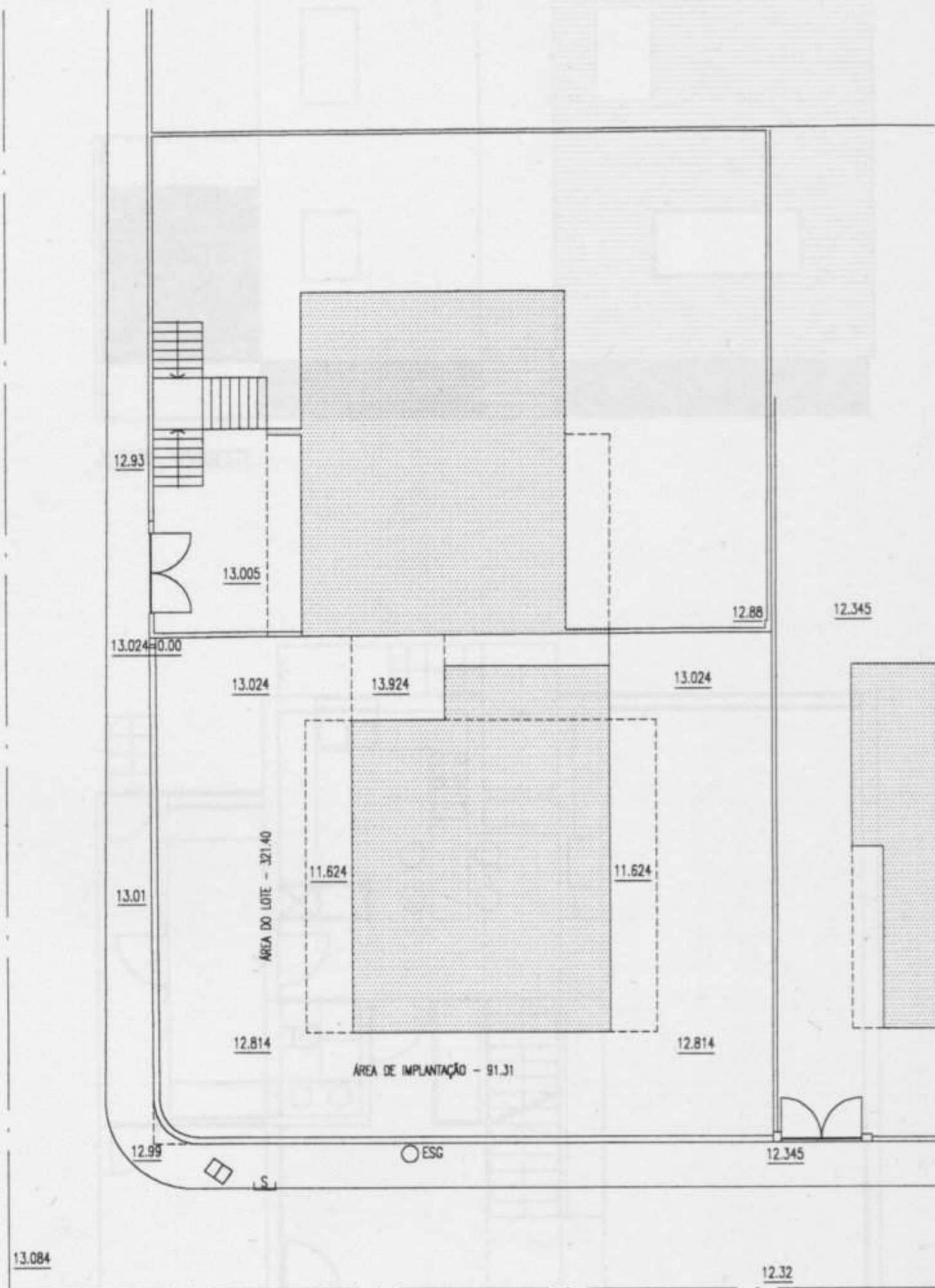
FOLHA 55

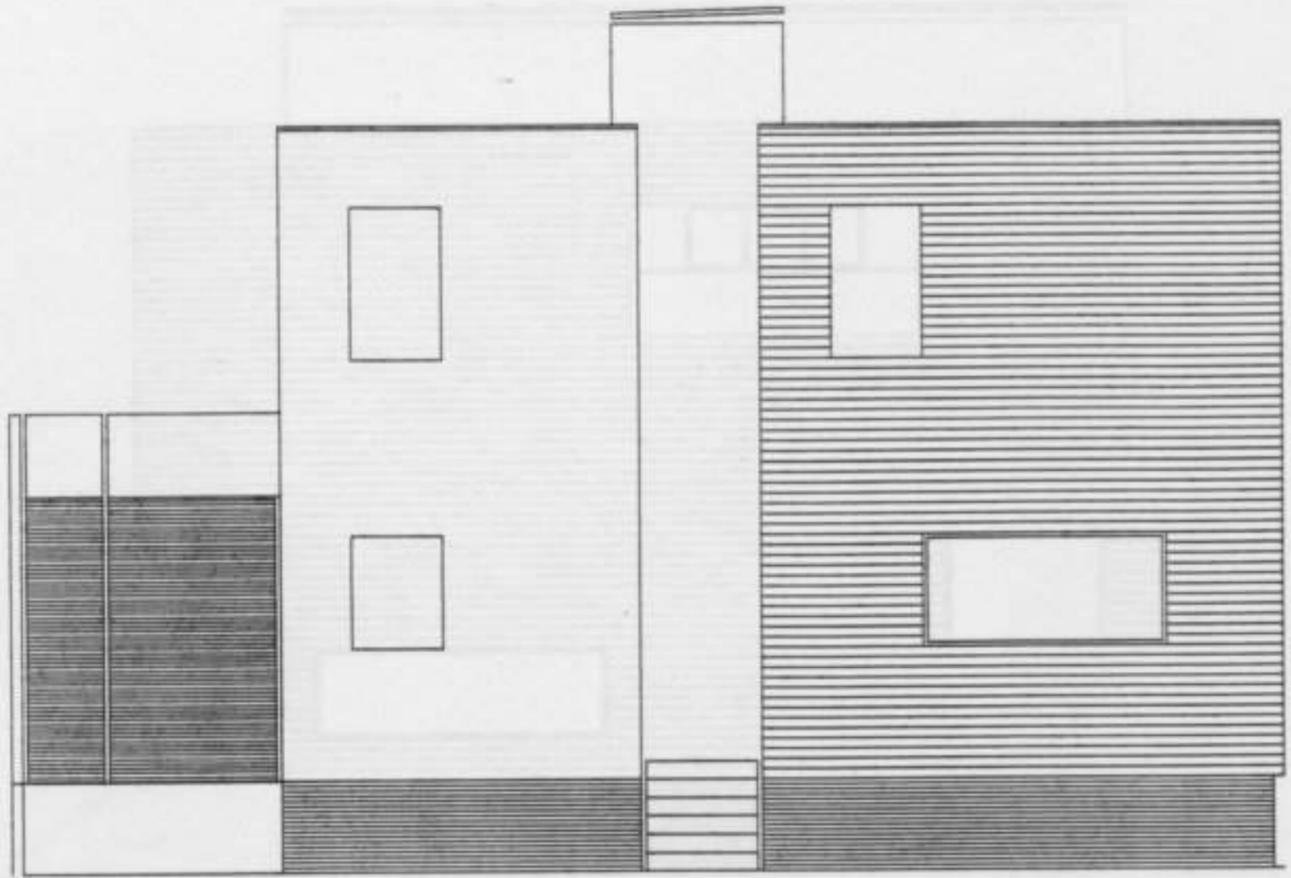
4 - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

- a) As áreas destinadas a estabelecimentos comerciais e estacionamentos interiores, deverão ser dotados de condutas internas de dimensão adequada e independentes, para ventilação (*renovação do ar viciado*) e eventual exaustão de fumos, com saída acima da cobertura
- b) A cobertura deve ter inclinação não superior a 45% e a altura das águas furtadas ou do sotão, no prolongamento vertical das paredes exteriores, não deve ultrapassar 0.50m.
- c) Em edifícios de utilização colectiva, deverá ser previsto o acesso à cobertura, garantido a partir de espaços comuns às fracções do edifício.
- d) Os elementos e materiais a utilizar na construção, deverão ter resistência ao fogo, de acordo com o estipulado pelo D. L. 64/90 de 21/2.
- e) A eventual verificação das dimensões e área do lote, por parte de técnicos municipais, poderá levar à suspensão ou anulação dos pareceres e decisões favoráveis entretanto expressas no proc., caso se venha a concluir haver discrepâncias significativas com o projecto
- f) A transição do desnível entre o arruamento e o interior dos lotes e construções, deverá ser resolvido no espaço particular, de modo que não apareçam rampas de transição ou degraus, que afectem o espaço público, garantindo assim as condições normais do passeio.
- g) Os elementos de fachada, salientes relativamente ao polígono de implantação e balançados sobre espaço público, designadamente, áreas encerradas; varandas; estendais e floreiras, terão balanço não superior a 1.20m e manterão uma distância mínima de 3m ao passeio
- h) O licenciamento da pretensão fica condicionado à aprovação dos projectos complementares (*projectos de especialidade*) e demais elementos solicitados no ponto 3, bem como aos pareceres a prestar por outras entidades eventualmente intervenientes no processo.

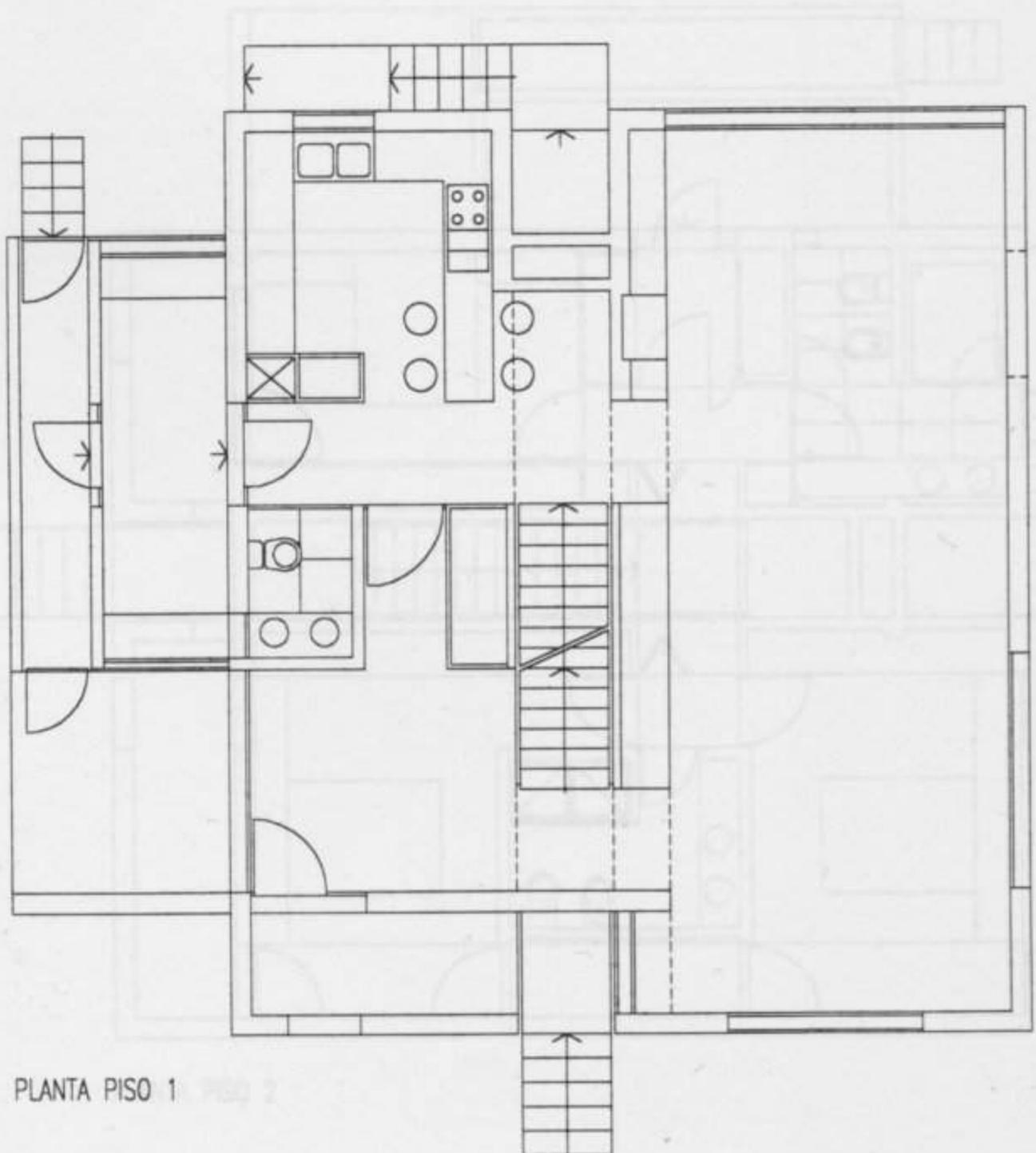
EL

98.8.14

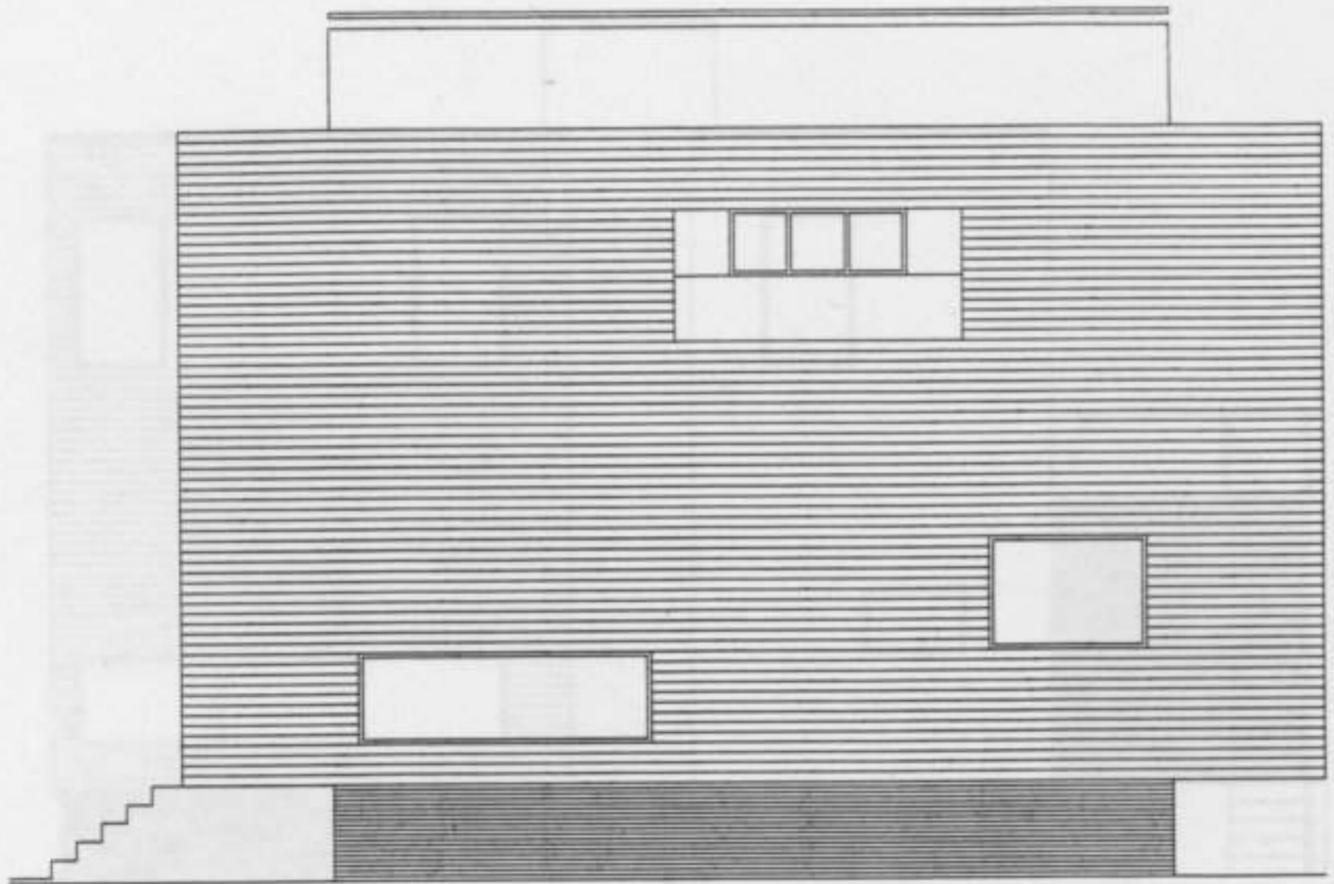




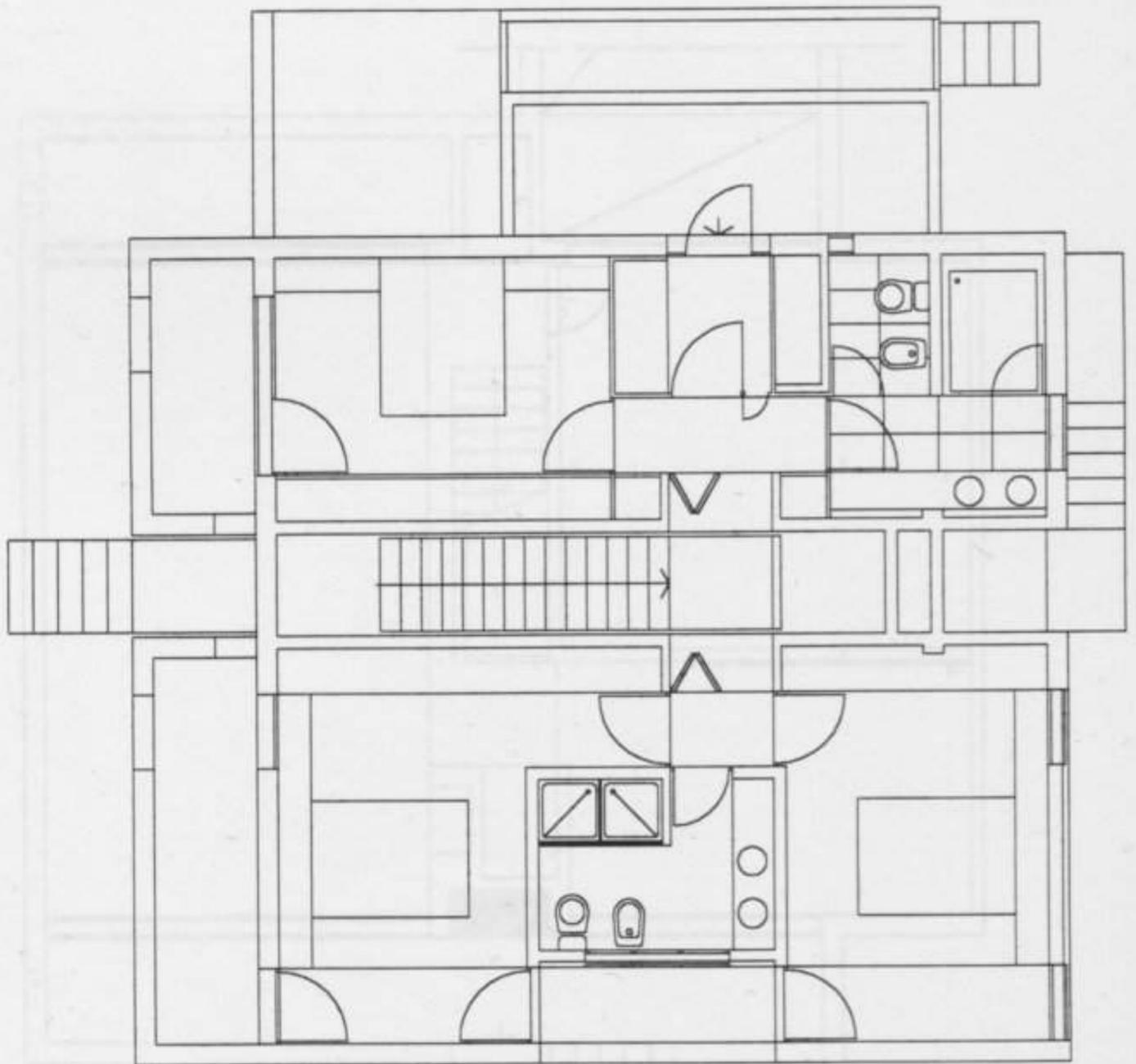
ALÇADO NOROESTE



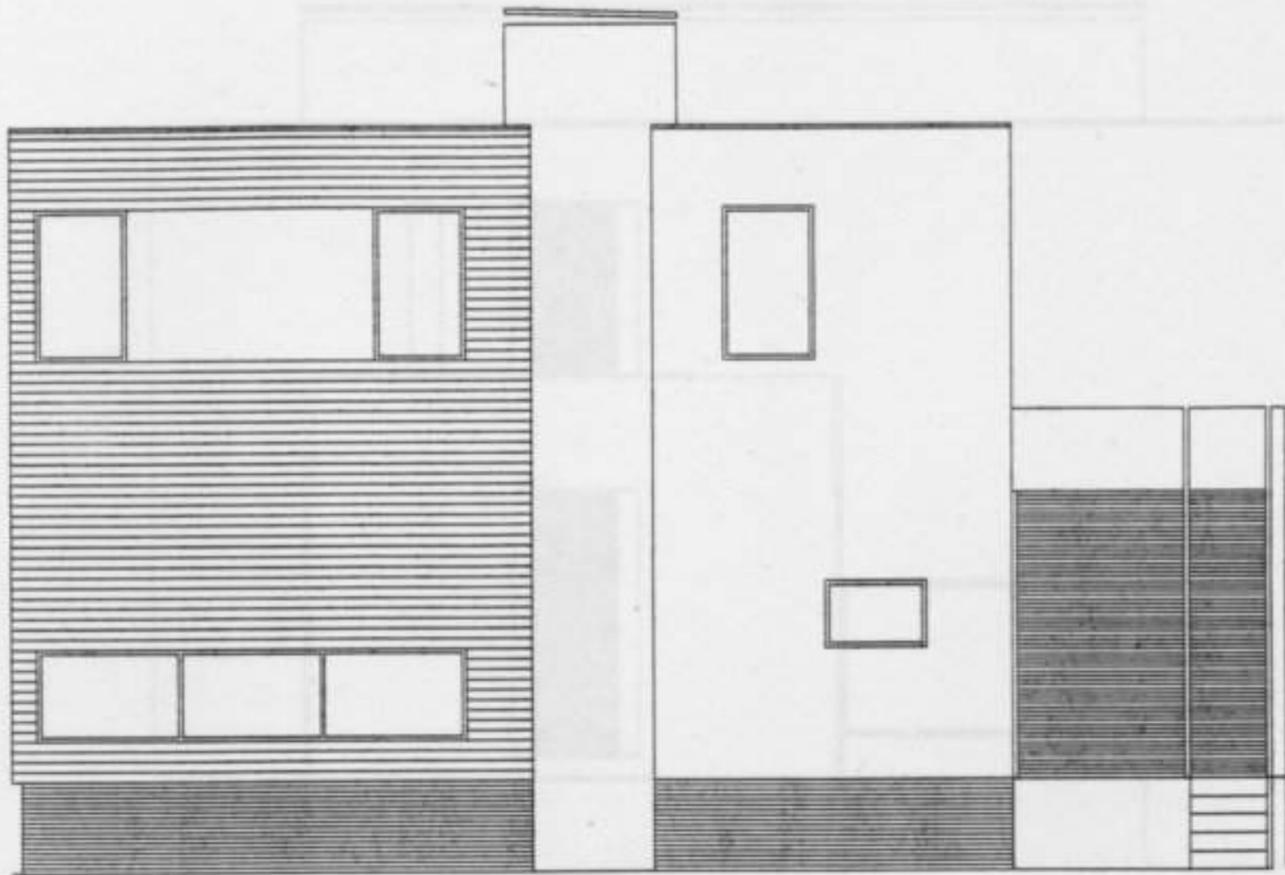
PLANTA PISO 1



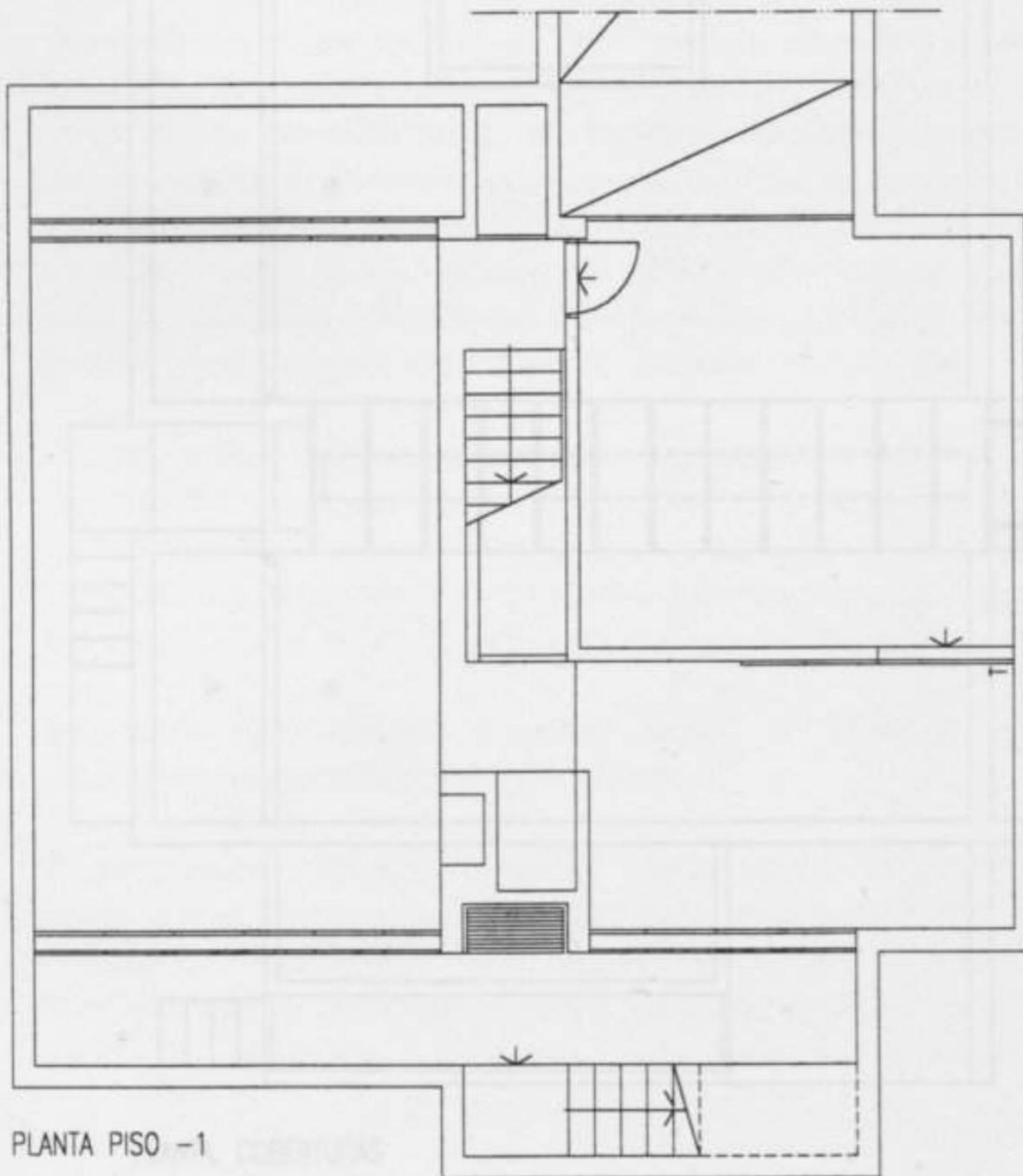
ALÇADO SUDOESTE



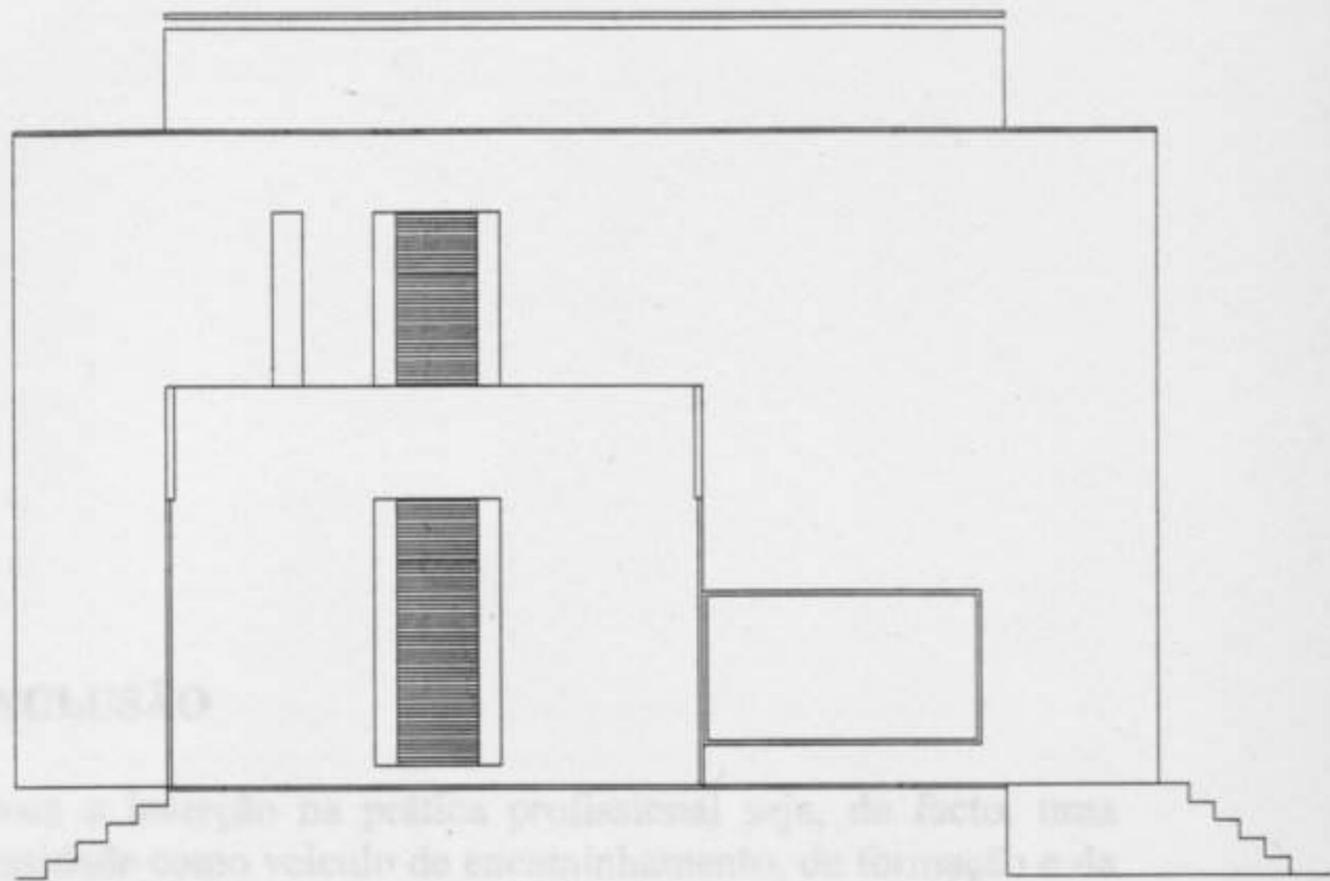
PLANTA PISO 2



ALÇADO SUDESTE



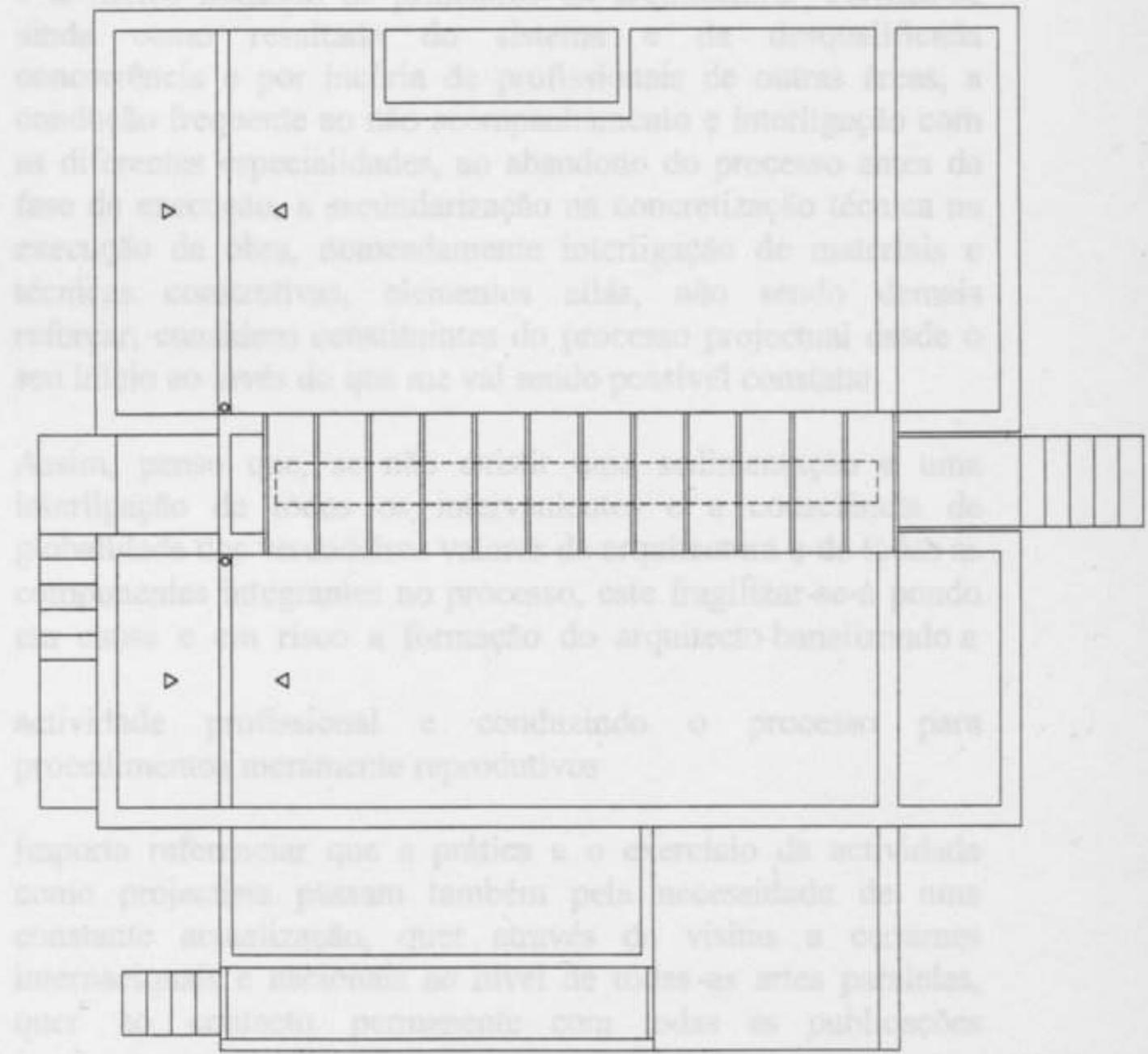
PLANTA PISO -1



ALÇADO NORDESTE

CONCLUSÃO

Embora a criação da política profissional seja, de facto, uma
 necessária como veículo de encastilhamento de formação e de
 para o curso académico, de conhecimentos e do seu
 criação com a prática profissional, poderão também, ser
 veículo de desenvolvimento e de virtuosidade do processo
 pelo, é certo, que a maioria dos stellers e dos arquitectos
 frequentemente e até por convicção, existem caminhos melhores
 e artificiais quanto os princípios da arquitectura. Verifica-se



PLANTA, COBERTURAS

CONCLUSÃO

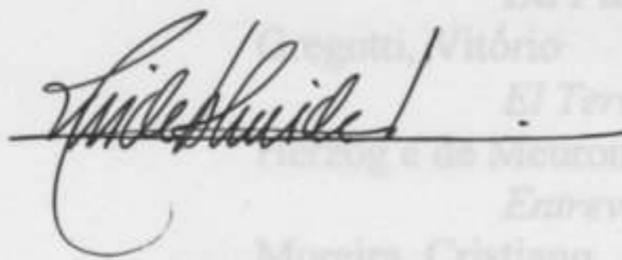
Embora a inserção na prática profissional seja, de facto, uma necessidade como veículo de encaminhamento, de formação e de continuidade do percurso académico, de conhecimentos e do seu cruzamento com a prática profissional, poderão também, ser veículo de deformação e desvirtuação do processo projectual, pois, é certo, que a maioria dos ateliers e dos arquitectos, frequentemente e até por convicção, encetam caminhos redutores e artificios negando os princípios da arquitectura. Verifica-se ainda como resultado do sistema e da desqualificada concorrência e por incúria de profissionais de outras áreas, a condução frequente ao não acompanhamento e interligação com as diferentes especialidades, ao abandono do processo antes da fase de execução, a secundarização na concretização técnica na execução da obra, nomeadamente interligação de materiais e técnicas construtivas, elementos aliás, não sendo demais reforçar, considero constituintes do processo projectual desde o seu início ao invés do que me vai sendo possível constatar.

Assim, penso que, se não existir uma sedimentação e uma interligação de todos os intervenientes e a consciência de globalidade dos verdadeiros valores da arquitectura e de todas as componentes integrantes no processo, este fragilizar-se-á pondo em causa e em risco a formação do arquitecto banalizando a

actividade profissional e conduzindo o processo para procedimentos meramente reprodutivos

Importa referenciar que a prática e o exercício da actividade como projectista passam também pela necessidade de uma constante actualização, quer através de visitas a certames internacionais e nacionais ao nível de todas as artes paralelas, quer ao contacto permanente com todas as publicações

periódicas nacionais e estrangeiras transmissoras de experiências enriquecedoras e promotoras do desenvolvimento experimental de novas práticas conceptuais e tecnológicas, num intercâmbio rico em conteúdos alargando os horizontes profissionais e humanos tornando o arquitecto o elemento activo e preponderante na feitura e na preservação do equilíbrio do desenvolvimento da estrutura global da nossa sociedade.



- Da Função Social do Arquitecto*
António Jacinto Rodrigues
- El Territorio de La Arquitectura*
António Jacinto Rodrigues e de Micurou
- Entrevista, Continuidades*
Moreira, Cristiano
- Reflexões sobre o Método*
Norbert-Schultz, Christian
- Existência, Espaço Y Arquitectura*
Norberg-Schultz, Christian e outros, Louis Kahn
- Idéia e Imagem*
Portas, Nuno
- Arquitectura para Hoje*
Portas, Nuno
- A Cidade como Arquitectura*
Rodrigues, António Jacinto
- Teoria da Arquitectura*
O Projecto como Processo Integral
Na Arquitectura de Alvaro Siza
Távora, Fernando
- Da organização do Espaço*
Vieira, Joaquina
- O Desenho e o Projecto são o mesmo?*

ALPIOU, LDA
ARQUITECTURA
INFORMATICA
E DESIGN
RUA DE CAMPOLIDE
N.º 107 / 2.º ANDAR
Tel: 282 24 97
282 24 98
Fax: 282 24 99

BIBLIOGRAFIA GERAL

Benevolo, Leonardo

Introduzione a L'Architettura

Fernandes, Manuel Correia

A Estrutura de Suporte

Filgueiras

Da Função Social do Arquitecto

Gregotti, Vitério

El Territorio de La Arquitectura

Herzog e de Meuron

Entrevista, Continuidades

Moreira, Cristiano

Reflexões sobre o Método

Norbert-Schultz, Christian

Existência, Espaço Y Arquitectura

Norberg-Schultz, Christian e outros, Louis Kahn

Ideia e Imagem

Portas, Nuno

Arquitectura para Hoje

Portas, Nuno

A Cidade como Arquitectura

Rodrigues, António Jacinto

Teoria da Arquitectura

O Projecto como Processo Integral

Na Arquitectura de Álvaro Siza

Távora, Fernando

Da organização do Espaço

Vieira, Joaquim

O Desenho e o Projecto são o mesmo ?

ALPIOU, LDA
ARQUITECTURA
INFORMÁTICA
E DESIGN
RUA DE CAMPOLIDE
Nº 107 - 3º DTº 1070 LISBOA
Telf: 386 54 97
386 54 98
Fax: 386 54 99

DA CONCEPÇÃO FORMAL DOS PROJECTOS...

Seis repetitivo-não, a clareza das opções formuladas, do meu ponto de vista, também aqui o desenvolvimento das memórias descritivas é um bom exemplo de lucidez, já que, de espaços arquitectónicos - espaços e propriedades, revelam clareza de conceitos, preocupação formal e estética, com uma integração de áreas e volumes para...

RELATÓRIO CRÍTICO E ANÁLISE DA ACTIVIDADE EM ATELIER

PROJECTOS DESENVOLVIDOS

1. MORADIA UNIFAMILIAR DE QUINTA NOVA DE S. ROQUE
2. RECUPERAÇÃO DE HABITAÇÃO EM ODIVELAS
3. PROJECTO DE INTERIORES - SHOW-ROOM PARA A EMPRESA J.M.C.

DO PROJECTISTA RUI A. LUÍS...

O projectista beneficia da possibilidade de já ser licenciado em Design de Equipamento, que pela sua experiência e currículo, lhe permite conceber espaços arquitectónicos com um cuidado muito minucioso associando na sua concepção, o processo dedutivo e o processo indutivo, na investigação das formas nas habitações unifamiliares, equipamento social e projectos de interiores, no que se refere aos seus espaços, circulações e relação com o exterior.

Usou total liberdade e autonomia na concepção da moradia unifamiliar (trabalho em anexo), demonstrando sensibilidade estética e conhecimentos seguros dos regulamentos e leis em vigor. Fez um diagnóstico da situação actual, com muita precisão e clareza e a memória descritiva que apresente é exemplo disso.

DA CONCEPÇÃO FORMAL DOS PROJECTOS...

Seria repetitivo referir a clareza das opções formuladas, do meu ponto de vista acertadas. Também aqui o desenvolvimento das memórias descritivas é um bom exemplo de lucidez, já que, os espaços arquitectónicos criados e projectados, revelam solidez de conceitos, preocupação formal e estética, com uma utilização de linhas e volumes puros, contra tudo o que, normalmente, seria de esperar. No caso específico da moradia da Quinta de S. Roque, a envolvente é caracterizada por uma "arquitectura" de fraca qualidade, e o projectista Rui Luís soube romper com o meio envolvente sem o agredir, "emprestando" à moradia e envolvente um objecto de qualidade e de uma sobriedade extrema.

A utilização da luz zenital é respeitada, usada e "abusada", como se de uma matéria simples fosse de tratar. Os seus resultados são plenamente conseguidos e de uma forma muito natural em projecto.

DA CONCEPÇÃO FUNCIONAL DOS PROJECTOS...

Os espaços criados estão criteriosamente inter-relacionados e as circulações mínimas adequadas ao melhor aproveitamento de todo o espaço útil, respondendo assim às necessidades apresentadas pelos donos das obras, sem desvirtuar o princípio formal que adopta. A sua preocupação em usar um processo dedutivo e indutivo na criação dos projectos, leva o projectista a construir maquetas de grande escala, trabalhando assim a forma mental e manualmente.

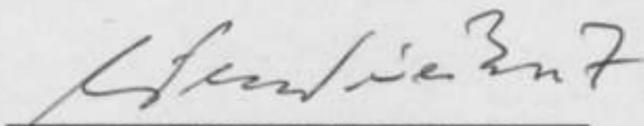
Neste processo de concepção foi fácil constatar o cuidado da relação entre os espaços e os pisos , mas também o pormenor de apresentar já em maqueta toda a estrutura prevista para o objecto criado, revelando deste modo muita facilidade de domínio de estabilidade de um projecto.

DA CONCLUSÃO...

O Projectista Rui A. Luís , soube resolver os projectos com muita qualidade arquitetónica, com muita segurança e autonomia de criação, sem optar por mimetismo fácil, e com uma representação formal, funcional e gráfica de grande qualidade pelo que merece o meu especial louvor e agradecimento pela oportunidade de o acompanhar nestes projectos cuja autoria a ele se deve na íntegra.

Depreende-se assim a facilidade que é deixada aos projectistas das restantes especialidades, porque além do seu cuidado na concepção e desenvolvimento dos projectos, trabalha com uma visão global de toda a concepção formal , funcional e técnica, sendo, por isso fácil coordenar qualquer uma das outras especialidades em consonância com os seus projectos de arquitectura.

LISBOA 30 de Novembro de 1998



CARLOS FERNANDO VIEIRA DE BRITO, arqº.
Ordem dos Arquitectos , nº 1575 - Sul

